



FORÇAS OCULTAS

Como os poderes espirituais se
ocultam na cultura, religião e
política de um povo

João A. de Souza Filho

Autor: João A. de Souza Filho

Título: Forças Ocultas - Como os poderes espirituais se ocultam na cultura, religião e política de um povo.

Diagramação e capa: Editora Faith

1a. Edição - ©2005, 2a. Edição - ©2006

3a. Edição - ©2013, 4a. Edição E-book- ©2014

ISBN: 978-85-98131-46-7

Os textos aqui usados são da Nova Versão Internacional (NVI). Outras versões usadas vêm listadas ao lado do texto. ERA – Edição Revista e Atualizada. ECA – Edição Contemporânea de Almeida.

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores, a não ser para resenhas ou notas em jornais e revistas.

Dedicatória

No dia em que completava vinte anos de idade, ganhei de presente o livro *A Preparação de Sermões*, de A.W. Blackwood com a seguinte dedicatória: Ao prezado companheiro jovem, o irmão João Antônio de Souza Filho, por ocasião do seu 20º aniversário, oferece cordialmente, Nils Taranger.

Nils Taranger pastoreou este Estado percorrendo cada cidade e os mais distantes rincões, e foi acima de tudo um incentivador de jovens idealistas. Anos depois de eu haver começado uma igreja num lugarejo chamado Chapadão no interior de Gramado, ele me levou para a inauguração do templo, comentando: Este trabalho é fruto de teu ministério!

Nossa última viagem juntos foi por ocasião do GECOWE na Coréia do Sul em 1995! Lá no distante Oriente, às cinco da manhã, ele batia à porta de meu quarto pedindo que lhe preparasse um chimarrão!

Este livro sobre Forças Ocultas dedico-o em memória póstuma a este velho guerreiro, que me incentivou, animou e que, mesmo sendo suéco, virou gaúcho e batalhou ao nosso lado para ganhar os gaúchos para Cristo.

Ele soube como enfrentar as forças ocultas desse Rio Grande!

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1 - Visão Bíblica do Mundo Espiritual	9
Interação de dois mundos, o espiritual e o natural	16
Capítulo 2 - O Rio Grande do Sul e sua História	21
Povo de oposição sistemática	22
Identificando as forças opositoras do mundo espiritual	24
Capítulo 3 - Fortalezas Ideológicas	29
A revolução farroupilha e sua influência na igreja, hoje	35
Fortalezas políticas	38
Capítulo 4 - O Sincretismo Religioso	41
A religião Afro	42
A força da tradição: Salamanca do Jarau	51
Capítulo 5 - Identificando os Poderes Através dos Símbolos	61
Obeliscos	65
Cuidado com os patrulheiros da fé!	69
Capítulo 6 - Observar, Anotar e Orar	73
Identificando os formadores de opinião	75
Capítulo 7 - Fatores Presentes na Igreja Primitiva	81
Operação de milagres e manifestações do poder de Deus	82
A qualidade de vida do povo de Deus	85
As obras do povo de Deus	90
A unidade do povo de Deus	95
Como os apóstolos enfrentaram a oposição	100
Conclusão	105

Introdução

Este é um caso de estudo em que procurei analisar o mundo espiritual do Rio Grande do Sul, que pode ser tomado como base para o estudo de outras regiões do país. Por viver aqui desde criança, conhecendo seus costumes e sua cultura, e ciente das dificuldades para aceitação do evangelho nessas plagas decidi, à luz da Bíblia, e não da sociologia, compreender as amarras espirituais que o tornam o estado menos evangelizado do Brasil.

O Rio Grande do Sul tem lá sua fama. É terra de macho, dizem. É gente hospitaleira, falam. E a figura do gaúcho com sua indumentária característica, bigodudo, montado a cavalo, assando churrasco num descampado qualquer, chaleira no fogo, sorvendo seu mate amargo, nas carreiras de cavalos, ou dançando num bailão com uma prenda faz parte do acervo da história desse estado. Mas não é coisa só de acervo, como se isso fosse coisa do passado: é coisa do dia-a-dia!

Basta sair numa manhã ensolarada na Capital e lá está o gaúcho com sua família assando uma carne no parque, na mata, ou passeando pelas praças da cidade, mateando! Ou ainda sentado na calçada no fim do dia, tomando chimarrão, contando “causos” e saudando a peonada que passa em frente de sua casa: - Vamos lá, companheiros! E no interior? Melhor ainda se o churrasco for numa internada!

E quando alguém vem de fora pregar o evangelho nesses pagos e não assimila a cultura e a vida do gaúcho, é tratado como forasteiro, e sente-se um alienado!

Sempre admirei os que aqui chegaram e se adaptaram, missionários e pastores vindos de outros países e Estados do Brasil e logo se adaptaram aos costumes gaúchos.

Mas por trás desta cultura existem segredos que precisam ser desvendados, especialmente no mundo espiritual. No momento em que você conhecer o mundo espiritual seja deste Estado ou do Estado do Brasil onde você vive, sentir-se-á capacitado a comunicar o evangelho de

Cristo! Por isso, nesse livro, não vou me deter em cultura e costumes, mas em dominações espirituais!

Conhecer um povo, sua cultura, seus costumes e credences. Estes são aspectos que contribuem para que o evangelho de Jesus Cristo seja comunicado com mais eficácia. Assim como é necessário estudar missões trans-culturais quando se quer evangelizar um povo estrangeiro, quem quiser trabalhar no Rio Grande do Sul ou alcançar os gaúchos onde quer que vivam nesse imenso Brasil precisa conhecer um pouco de sua história.

Reconheço que este é um livro que se limita a poucos aspectos da vida gaúcha, pois quis apenas me deter no conhecimento do mundo espiritual. Não trabalhei, por exemplo, com os povos que para cá imigraram: italianos, alemães, russos, ucranianos e judeus. Detive-me apenas no gaúcho em si, e no mundo espiritual, sem me ater em aspectos sociais ou aprofundamento histórico.

E, no entanto, minha pesquisa à luz da Bíblia e da história trará ao leitor conhecimento suficiente para entender a nossa gente e aqui evangelizar. Neste livro você conhecerá por que a igreja é tão dividida – porque o povo é dividido. Por que o gaúcho não demonstra interesse pelo evangelho? E no entanto é tão sincrético? A cultura gaúcha é maiormente positivista, mas por que uma cultura atéia recorre à umbanda e às religiões afro-brasileiras? Para responder essa questão tive que recorrer a especialistas no assunto.

Abordo algumas questões históricas, especialmente as revoluções farroupilha e a federalista, a degola, as matanças entre irmãos, e de como essas coisas ainda pesam sobre o gaúcho.

E que dizer das lendas? A maior delas, a da Salamanca do Jarau é muito interessante, e o leitor perceberá uma linha espiritual que liga os gaúchos ao islamismo.

Respostas e mais repostas. É isso que propus em meu coração ao escrever este livro. A igreja está acima das culturas e filosofias. Se pudéssemos traçar uma linha da trajetória da igreja através da história, veríamos que ela é mais transcendental que humana, e aponto também para história, a fim de mostrar que é possível conquistar este estado com o

evangelho de Jesus Cristo.

E apresento quatro respostas importantes – ou quatro verdades encontradas no livro de Atos dos Apóstolos – que, entendidas e seguidas fielmente, levarão a igreja a ser vitoriosa nestes pagos gaúchos!

Alguns dados bibliográficos são de pesquisas na Internet, e para tanto precisei conferir se as fontes eram verdadeiras, e em que se baseavam; e o leitor pode conferi-las porque cito a fonte. No entanto, como a Internet é muito dinâmica, e os dados costumam ser colocados e retirados, é preciso colocar o dia e a hora da pesquisa, o que deixa o livro, em certos aspectos, mais intimista, porque o leitor perceberá as horas e dias em que o autor se debruçou sobre o computador.

Mas valeu o esforço. Leia e recomende aos seus amigos. Este não é um livro para pesquisadores de bancos escolares. Não. É para todos. Porque através dele você penetrará no mundo espiritual do estado, confrontando-se com poderes e autoridades, com príncipes e demônios que se escondem por trás das culturas.

Recomendo, no entanto, cautela, para que você não se torne um patrulheiro religioso. Esses dados são para ajudar e não amedrontar, portanto, avante! Torne-se um guerreiro de Jesus Cristo!

Capítulo 1

Visão Bíblica do Mundo Espiritual

Do início ao fim, a Bíblia trata de coisas que ocorrem no mundo espiritual com reflexos imediatos na terra. Da queda do homem em Gênesis 3 ao último livro da Bíblia, Apocalipse, o mundo espiritual e a terra interagem-se, causando espanto, perplexidade e até incredulidade a qualquer estudante das escrituras.

Vivemos num mundo natural influenciados e controlados pelo sobrenatural. Todo estudante das escrituras aprende que Deus tem em suas mãos o destino da humanidade, que ele controla o caminho do homem, o que se pode depreender pelo estudo das profecias. Não apenas com respeito às nações, mas à igreja e a cada vida em particular! “Deus tem o mundo em suas mãos” diz o velho cântico.

Por isso, todo cristão deve entender que uma mão poderosa controla e dirige os passos da humanidade.

Por outro lado, em nenhum momento a escritura nega a existência de uma força opositora a Deus tentando também intervir no destino da humanidade. Os livros da Bíblia de Gênesis ao Apocalipse complementam-se entre eles de forma maravilhosa! Para que o leitor tenha um quadro do mundo espiritual que o cerca, faz-se necessária uma análise bíblica mais acurada do desenrolar da história, assunto que requer livros e mais livros, mas que escrevi resumidamente.

Mas não apenas a Bíblia fala de Satanás e de suas intenções perversas para com a humanidade. Lutero afirmou que “o Diabo é o Diabo de Deus”, alertando-nos, que, se quisermos saber quem é o Diabo, precisamos primeiramente conhecer a Deus! O Diabo, o príncipe deste mundo, se tornou escravo do Príncipe da Paz!

Alguns dos famosos escritores cinzelaram, ao longo da história, a figura do Diabo de formas diferentes. Sempre se houve falar do “inferno de Dante” uma alusão à obra *O Inferno* em que Dante, que viveu entre 1265 a 1321 relata a atividade dos demônios punindo os pecadores no

inferno. Sua obra era baseada no folclore popular, e lamentavelmente não mostra o poder salvador de Cristo evitando que as pessoas sejam lançadas no inferno.

João Milton em seu poema épico *O Paraíso Perdido* restaura a visão bíblica de Satanás, numa época em que, na Inglaterra, Shakespeare, seu contemporâneo sobressaía-se sobre os demais. João Milton fala das razões por que o Diabo rebelou-se contra Deus; descreve a guerra entre as hostes de Satanás e de Deus; a maneira como Satanás é lançado no abismo; sua artimanha e a de seus demônios para alcançar a Terra, e interferir no plano divino de uma nova criação. Aliás, aconselho a leitura de *O Paraíso Perdido* por todos quantos queiram conhecer, ainda que de maneira poética, o mundo espiritual.

Outro escritor, Goethe relata o episódio em que *Fausto* – as lendas que surgiram a partir dele serviram de subsídio a tantas histórias fantasiosas – encontra-se com Mefistófeles que é retratado como um Diabo que não mete medo e que leva o leitor a ver as diversas facetas da realidade. Mas esse é um Diabo mais luxuoso, que se transforma em tudo o que desejamos. Essa última análise do Diabo feita por Goethe tem levado a sociedade a menosprezar o real poder de Satanás e sua verdadeira intenção na corrupção da raça humana. Por isso cai bem a afirmação de certo sociólogo: “Se a igreja é freqüentada por pessoas ricas, você nada ouvirá sobre o Diabo nas pregações. Se forem pessoas pobres, é só o que você ouvirá!”¹ O que esses três autores escreveram, influenciaram, de certa forma, o pensamento contemporâneo sobre o Diabo. No entanto, não são em peças da literatura universal que conhecemos de perto essa figura horrenda, mas nas páginas da Bíblia Sagrada. Milton, obviamente é quem descreve mais biblicamente o mundo espiritual. Sobre Milton, C.S. Lewis disse: “*O Paraíso Perdido*” arquivava uma passagem real, irreversível, que não se pode repetir, na história do universo”²

Por que o Diabo ficou tão interessado em corromper o homem no Éden? Porque a nova raça que Deus acabara de criar era totalmente

¹ In GURNALL, Willian, *The Christian in Complete Armour: Daily Readings in Spiritual Warfare* Chicago, Moody, 1995 p. 64.

² Citado no prefácio de *O Paraíso Perdido*, Clássicos Jackson Volume XIII, p. XV.

diferente dos anjos e visava encher a terra com seres humanos, mas puros, à semelhança de Deus. O homem é a coroa da Criação divina; habitaria na terra em perfeita harmonia com todas as criaturas criadas por Deus. Depois que o homem pecou, Deus se propõe enviar seu Filho à terra para restaurar o homem a seu estado original.

Ainda que historiadores e filósofos ao longo dos séculos venham tentando ocultar a verdade bíblica, afirmando que tudo não passa de invencionice humana, criando para isso métodos de ensino e até interferindo na vida espiritual das pessoas, ou ainda formulando teorias de que o homem é resultado da evolução das espécies – vindo do macaco – a palavra de Deus vai passando de geração a geração, incólume, vencedora até o fim!

O humanismo – e todas as ideologias que traz a reboque – ^{NA}foi formulado pelo Diabo a Eva no Jardim do Éden. No diálogo com Eva a serpente apresenta o pressuposto de toda a filosofia humanista do universo: ser igual a Deus conhecendo o bem e o mal! “Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal” (Gn 3.4). Aliás, filosofia contextual que afirma que todos somos deuses! Em outras palavras, o ser humano não precisa de ninguém; ele é deus e pode resolver seus problemas sozinho! Essa é a essência do humanismo! Mais adiante você verá como o humanismo influencia o pensamento religioso e cultural no Rio Grande do Sul.

Por isso Paulo, profundo conhecedor das teorias gregas da época, mas também conhecedor das leis divinas, alerta: “O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou a Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo” (2 Co 11.3). A filosofia, o humanismo e toda sabedoria humana têm na mente seu terreno fértil. Já o evangelho não depende de filosofias nem de conceitos humanos, mas da fé! E o humanismo não aceita a fé! Quer dizer, o Diabo faz de tudo para incutir nas pessoas a idéia de que ele não existe, que é invenção humana, enquanto age sorrateira-

^{NA} Ideologias são um “conjunto de valores e crenças, através dos quais os homens exprimem a maneira como vivem a sua relação com a existência” (Doberstein).

mente na mente das pessoas, levando-as a desprezar o conhecimento de Deus!

Paulo percebeu essa “astúcia” do Diabo e denunciou repetidas vezes a existência de um mundo espiritual, com poderes, principados e forças operantes do mal nas “regiões celestes”, isto é, acima do entendimento humano. Paulo denuncia o Diabo mostrando que ele possui a capacidade de se disfarçar em anjo de luz – sempre que quiser corromper o que é espiritual – e que seus seguidores na terra, ou seus agentes humanos, circulam livremente na sociedade como beneméritos que se preocupam com o bem-estar dos pobres e dos aflitos, quando na realidade não passam de lobos devoradores do rebanho (2 Co 11.14-15)!

O perigo do humanismo é que sua origem não está no ateísmo ou no positivismo, mas na fé cristã. Apesar de começar no Jardim do Éden quando o homem desprezou o conhecimento de Deus, o humanismo alcançou seu apogeu no período da Renascença, porque a igreja dominante se julgava dona da verdade, com o Papa e o clero religioso determinando até mesmo o que as pessoas deveriam pensar e crer. Não sou antropólogo, sociólogo ou filósofo, mas consigo perceber pela história, que o humanismo e o renascimento estão ligados à reforma da igreja, porque com os ventos da Reforma, o homem começou a investigar livremente os textos religiosos, e as idéias, áreas que eram restritas aos clérigos.

“A autoridade religiosa reivindicava para si a posse da verdade absoluta”, afirma a Professora Mona Aboussena, da Universidade do Cairo, “absolutismo que pode levar ao fundamentalismo religioso, seja de cristãos ou do Islã.”³ E foi a fé, e porque não dizer, a mística que levaram o homem a refletir, não apenas em Deus, mas na capacidade humana de realização, um laço sutil, que pode induzir o homem a agir independentemente de Deus!

Portanto, o primeiro ataque do Diabo contra o propósito de Deus ocorreu no Éden, e dentro da esfera da fé!

O segundo e grande ataque do Diabo contra o homem e contra o

³ ABOUSENNA, Mona, em *Islamismo e Humanismo Latino*, Organizado por Ari Pedro Oro, Editora Vozes, p. 32

propósito de Deus ocorreu na contaminação dos seres humanos com os anjos. Muitos comentaristas bíblicos admitem a possibilidade de haver um “casamento” de anjos com os seres humanos, contaminando a “semente” através da qual surgiria o Filho de Deus, para resgatar a humanidade. A descrição de Gênesis 6 admite que o surgimento dos gigantes na terra foi fruto da união de anjos com mulheres na terra. Ora, aqui se trata de mutação genética. “Naqueles dias havia nefilins na terra, e também posteriormente, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens e elas lhes deram filhos” (Gn 6.4). Esse texto está ligando o tema ao versículo dois: “Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram bonitas”. No versículo 3, devido a essa contaminação genética, Deus decide que o homem viverá apenas 120 anos! Os gigantes teriam surgido como fruto dessa mutação.

E são tradutores e comentaristas humanistas que desprezam a possibilidade dessa corrupção genética do ser humano. A razão de Deus enviar o dilúvio na terra é aludida a esse fato. É importante observar o que a Bíblia diz de Noé: “São estas as gerações de Noé. Era ele homem justo e íntegro em suas gerações, e andava com Deus” (Gn 6.9 ECA). Noé, no hebraico que dizer “perfeito”, mas aqui não é perfeição no sentido moral, “mas o texto está afirmando que ele e sua família preservaram seu pedigree mantendo sua linhagem pura, apesar da corrupção da raça humana trazida pela queda dos anjos”.⁴ Quer dizer, a genealogia de Noé não havia sido corrompida pela mutação genética.

Muitos contrapõem essa possibilidade usando a afirmação de Jesus para os saduceus de que, na ressurreição, nós os seres humanos não nos casamos nem somos dados em casamento, e seremos como os anjos de Deus no céu! (Mt 22.30). Ora, Jesus não está afirmando que os anjos não podem se corromper sexualmente. Parece que Judas, ao se referir aos anjos que estão em prisão, refere-se a estes: “E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas para o juízo do grande dia” (Jd 6 ERA). Observe aqui as palavras estado original e domicílio. Quanto ao estado original é que deixaram seu estado de pureza,

⁴ Companion Bible, Samue Bagster and Sons Ltd – Londres - apêndice 25, p. 28

isto é, abandonaram a forma de sua criação. Quando fala em “domicílio” a palavra é “oiketerion” e só ocorre em Judas 6 e 2 Coríntios 5.2 onde é utilizada para expressar “corpo espiritual” ou ressurreição.

Pedro arremete à mesma discussão, afirmando: “Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo” (2 e 2.4 ERA). Os anjos são chamados de “filhos de Deus” em vários textos, como em Jó 1.6 e 2.1; 38.7; Daniel 3.25, etc. Por ser assunto de muita polêmica, sugiro ao leitor que pesquise as diversas opiniões, sem jamais esquecer o que Jesus falou no caso da mulher que casou com sete irmãos, sucessivamente depois que morriam: “Errais, não conhecendo as escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22.29 - ECA). É bom conhecer as Escrituras – não pelo pensamento humanista – mas juntamente com o poder de Deus!

Como vimos, em Gênesis 6, destruir a “semente” através da qual viria Jesus foi o intento do Diabo. Alguns comentaristas acreditam que a grande fome ocorrida nos dias de Jacó era também uma tentativa de destruir, pela fome, a “semente” divina preservada na família patriarcal. Assim, Deus interveio enviando José ao Egito. José interpretou os acontecimentos, não do ponto de vista de seus irmãos, mas do ponto de vista da soberania de Deus e do controle deste sobre a terra: “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos” (Gn 50.20).

Outra tentativa do Diabo em destruir a semente divina ocorreu, a princípio, de forma sutil, mas depois violenta. Uma mulher fenícia, Jezabel, casa-se com um rei de Israel, Acabe. Depois a filha desse casal, Atalia, casa-se com o rei de Judá, Jeorão. Numa guerra familiar, Atália, a rainha-mãe mandou matar toda a descendência real, e enquanto os filhos do rei eram levados para serem mortos, Jeoseba escondeu o menino numa câmara interior do templo. Ali o menino ficou escondido durante seis anos, enquanto Atália governava em Judá. Alguns comentaristas afirmam que o Diabo visava eliminar a semente da qual nasceria o Redentor (2 Rs 11.1-3).

E mais. Quando Israel estava no cativeiro da Babilônia, um plano

arquitetado por Hamã visava destruir e eliminar da face da terra todo judeu. Como o domínio de Assuero era sobre todo o mundo civilizado da época, todo e qualquer judeu que vivesse em qualquer parte da província seria morto. Hamã era descendente da dinastia de Agague, dos amalequitas que Saul negou destruir por ordem do Senhor (Ester 3.1 c/ 1 Sm 15.8 e Nm 24.7). Deus que controla o destino do homem antecipou-se a Hamã e preparou Ester para ser a nova rainha, esposa de Assuero. Assim, a semente do Messias não foi destruída da face da terra.

Inspirados e a mando do Diabo que queria destruir a semente da qual nasceria o Cristo, os reis da terra sempre se levantaram contra Israel. O Salmo 2 diz: “Os reis da terra tomam posição e os governantes conspiram unidos contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo: Façamos em pedaços as suas correntes, lancemos de nós as suas algemas” (Sl 2.2-3). Existe uma idéia subjacente entre certas correntes políticas que o povo de Israel deveria ser totalmente eliminado da face da terra. Os historiadores esquecem, no entanto, que os judeus só conseguiram respirar aliviados a partir do fim do século XIX e início do século XX. No livro *Os Judeus, o Dinheiro e o Mundo* o autor relata a trajetória desse povo desde o cativeiro da Babilônia até os dias atuais. Não resta dúvidas de que a intenção de destruir essa nação não foi totalmente conseguida, por causa do braço de Deus que se levantava a favor dos seus pequeninos.

No Salmo 83.3-5 Asafe, músico e poeta de Israel afirmava: “Com astúcia conspiram contra o teu povo; tramam contra aqueles que são o teu tesouro. Eles dizem: “Venham, vamos destruí-los como nação, para que o nome de Israel não seja mais lembrado. Com um só propósito tramam juntos; é contra ti que fazem acordo...”. E a seguir uma lista das nações que se levantavam contra o povo de Israel. Obviamente que, se levantando contra Israel, levantavam-se contra a possibilidade de nascer o Cristo, nosso Salvador, e conseqüentemente contra a igreja que somos nós. Pode-se ver, então, que no mundo espiritual a trama do Diabo é muito maior do que se imagina. Ele tentará de todos os meios destruir também a igreja!

Essa irada persistência satânica contra o Filho de Deus – contra Israel, contra a igreja e contra tudo o que é de Deus – pode ser vista na atitude de Herodes, o Grande que, ao saber do nascimento de um rei

em Israel ordenou que todas as crianças de dois anos para baixo fossem mortas em Belém (Mt 2.13-18). Novamente Deus se antecipa, avisa os reis magos da intenção de Herodes, e ordena a José que se refugie no Egito até que a terra esteja em segurança!

Como não pôde satisfazer seu intento matando o menino, esperou que o Filho de Deus aparecesse, agora adulto, para destruí-lo por outros meios. E nada melhor do que oferecer a um homem a possibilidade da fama, do sucesso e da riqueza. Foi assim que, vendo Jesus no deserto, em jejum e com fome, o Diabo propôs-lhe três coisas: Que Jesus provasse ser o Filho de Deus ordenando que as pedras se transformassem em pão (o desejo da carne); a possibilidade de subir no pináculo do templo, saltando para o meio do povo e caindo como uma pluma amparado por anjos (soberba da vida); ou ficando com as riquezas da terra, se apenas o adorasse por um instante (desejos dos olhos – 1 João 2.16)! Satanás apelou para as necessidades físicas de Jesus, a necessidade da auto afirmação diante do povo e a reconquista de toda a riqueza da terra que estava nas mãos do Diabo! (Mt 4.1-11).

Como não conseguiu impedir a realização do plano de Deus na terra através de Jesus, o Diabo tentou destruir a igreja em seu nascedouro. Basta ler o livro de Atos e ver-se-á que nos primeiros 38 anos de vida da igreja a perseguição foi muito grande!

Interação de dois mundos, o espiritual e o natural

Para que você entenda ainda um pouco mais do mundo espiritual e de como este interage com a terra, quero que você analise esses poucos exemplos, dentre os muitos da Bíblia.

A jumenta que falou. Nessa ocasião, Balaque, rei dos moabitas preparou uma trama para destruir a nação de Israel, e chamou um profeta conhecido da região, Balaão para que amaldiçoasse o povo de Deus. A trama e suas conseqüências podem ser lidas em Números 22-25 e 31.1-18. A caminho do acampamento de Israel, Balaão é surpreendido pela jumenta que fala! E ele falou com a jumenta como se fosse coisa normal! Na realidade, um anjo falou pela boca do animal! Como não conseguiu amaldiçoar o povo – porque Deus tomou a boca do profeta para falar só

o bem – Balaão, de olho na recompensa e na riqueza de Balaque, aconselhou-o a armar ciladas para os israelitas, com as mulheres mais lindas de seu reino! Seu fim é descrito por Josué: “Além dos que foram mortos na guerra, os israelitas mataram à espada Balaão, filho de Beor, que praticava adivinhação” (Js 13.22).

Percebe-se que Deus intervém e não permite que seu povo seja amaldiçoado. Os dois mundos, o espiritual e o natural interagiram de forma maravilhosa!

A guerra de Gideão e seus trezentos guerreiros. Vale destaque, também, a experiência de Gideão na guerra contra os midianitas. A interação entre o céu e a terra começa quando um anjo aparece a Gideão que moía o trigo, escondido dos midianitas. Novamente o céu interfere nos assuntos do homem na terra. Os midianitas oprimiam a nação de Israel, e Deus levanta um “medroso”, aos olhos do homem – mas corajoso aos olhos de Deus – para defender seu povo. “o Senhor está com você, poderoso guerreiro”, disse o anjo a Gideão (Jz 6.12). Quando você estuda a vida de Gideão descobre que ele não é lá muito corajoso, mas Deus o via como um guerreiro vencedor! Depois de pedir sinais a Deus, colocando a lâ do lado de fora, pedindo coisas impossíveis do ponto de vista humano, e temendo a ira dos homens, destruindo os altares pela madrugada, Gideão consegue arregimentar 32 mil soldados para a batalha!

Mas Deus decide que nessa guerra ele é que terá a glória, por isso destrói o exército de Midiã com apenas trezentos homens! Sem armas, apenas com cântaros e trombetas! O episódio em que os céus e a terra se unem em defesa do povo pode ser lido em Juízes 6-8.

Davi e Golias. A história de como Davi, um jovem inexperiente derrota o gigante Golias com apenas uma funda e uma pedrinha, retrata novamente a interação do céu e da terra no destino dos homens. Davi sabia disso, por isso perguntou aos soldados de Israel: “Quem é esse filisteu incircunciso para desafiar os exércitos do Deus vivo?”. E depois, diante do enorme filisteu que media quase três metros de altura, Davi, ciente de que uma batalha na terra tem de primeiramente ser vencida no mundo espiritual – novamente a interação entre os dois mundos – declara: “Todos os que estão aqui saberão que não é por espada ou por

lança que o Senhor concede a vitória; pois a batalha é do Senhor, e ele entregará todos vocês em nossas mãos” (1 Sm 17.26,47). E uma pedrinha lançada de uma funda derrubou o gigante por terra!

O tropel sobre a copa das amoreiras. Davi é o protagonista de vários episódios de guerra. Sempre que saía à batalha consultava a Deus e dependia da ordem dele para avançar. Numa das ocasiões, indeciso se deveria ou não lutar contra os amorreus – o mesmo que filisteus – Deus lhe dá a estratégia e o sinal: “Não ataque pela frente, mas dê a volta por trás deles e ataque-os em frente das amoreiras. Assim que você ouvir um som de passos por cima das amoreiras, saia para o combate, pois este é o sinal de que Deus saiu à sua frente para ferir o exército filisteu. E Davi fez como Deus lhe tinha ordenado” (1 Cr 14.14-16). Assim, ao ouvir o tropel de cavalos na copa das árvores, Davi sabia que Deus saía diante dele na batalha!

E quantos episódios temos ainda nas escrituras? Você mesmo deve estudar cada um deles. Por exemplo, estude a guerra de Israel contra Moabe em que o profeta Eliseu foi levado à frente da batalha. Novamente o céu interage com a terra e os moabitas foram destruídos por Israel (2 Rs 3.4-27). O profeta Eliseu possuía a capacidade de ouvir, à distância o que o rei da Síria planejava contra Israel. Os episódios de 2 Reis 6.8-23 mostram como céu e terra trabalharam a favor do povo de Deus. Estude ainda a guerra de Josafá contra os midianitas e amonitas. Ele a venceu sem armas, apenas com músicas e louvores! (2 Cr 20).

Uma grande fome veio sobre a nação de Israel. E onde estava o problema? Davi orou a Deus e este lhe falou que a fome, que já durava três anos, devia-se à perseguição que Saul fez aos gibeonitas! Havia uma maldição sobre a terra cuja origem parecia ser tão natural, mas era de cunho espiritual! (2 Sm 21.1-14). Até mesmo um ato meramente político de fazer um levantamento do exército de Israel trouxe maldição sobre a nação. A história começa assim: “Satanás levantou-se contra Israel e levou Davi a fazer um recenseamento do povo” (1 Cr 21;1). Quer dizer, o rei pensou que fizera uma decisão de governo, mas estava levando a termo um pensamento que Satanás lhe soprou aos ouvidos!

Não há dúvidas, pelos exemplos bíblicos e por episódios da histó-

ria, que o exército de anjos de Deus saem à batalha a favor do povo de Deus. Poderia citar aqui vários exemplos da história, mas o assunto é por demais extenso. Não podemos desassociar a matéria do espírito, nem o material do espiritual, pois no âmbito espiritual esses dois mundos se mesclam.

Volto a repetir o que disse Paulo: “Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas” (2 Co 10.3-4). Sendo que vivemos num mundo em que o material e o espiritual por vezes se confundem ou se entrelaçam, é bom aprender a distinguir e a discernir as situações que nos cercam ou nas quais somos envolvidos.

Vou citar mais um exemplo. Sempre que lemos sobre a crucificação de Cristo nos evangelhos, raramente nos damos conta do que estava acontecendo nas regiões espirituais. Tendemos a ver o cenário puramente pelo lado natural, quando muito, somos tocados em nossa emoção, mas Paulo via o episódio por outro ângulo. Paulo define num único texto, o que ocorria no momento da crucificação de Jesus. “Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2.15). Veja bem. Ele fala que no momento em que Cristo estava na cruz nossos pecados estavam sendo perdoados; nossa dívida com Deus paga e perdoada e a nota promissória pregada na cruz, e mais: ele via o exército de demônios e seus príncipes sendo desarmados, marchando atrás do exército vencedor e do líder que seguia em frente, Cristo!

Quer dizer, o que acontece no mundo espiritual precisa ser discernido por todos quantos pregam a palavra de Deus!

Esse escrito de dívida, no original *quirograf* refere-se a uma assinatura registrada em ata, confirmando uma dívida. Willian Barclay escreve: “Alguns dizem que no tempo antigo, quando uma lei ou ordem era cancelada, o texto da mesma era amarrado a uma tábua e um prego era encravado nele. Na cruz de Cristo toda condenação que era contra nós

foi crucificada, executada e afastada do caminho, para que nunca mais seja lembrada”⁵

Falando do desfile dos principados e potestades levados ao desprezo em público, o comentarista Barclay diz: “Eram espíritos hostis a nós. Jesus os desarmou. Suas armas foram confiscadas e eles ficaram impotentes. O Senhor quebrou-lhes a resistência e a força. Ele os envergonhou e os fez desfilar como derrotados diante de todo mundo. Os vencedores eram aplaudidos, enquanto os soldados e os reis inimigos seguiam atrás, cabisbaixos e derrotados, expostos à indignação do povo. O inimigo era o troféu de guerra do vitorioso”.⁶

Todo obreiro deve ter essa visão do mundo espiritual. E teríamos ainda muitos outros exemplos, como o fermento dos fariseus, em Marcos 8.15-21 que Jesus via no mundo espiritual e os apóstolos pensavam tratar-se apenas de pão; dos discípulos no caminho de Emaús, em Lucas 24.31 e, a interpretação de sonhos e visões relatadas em todo o livro de Atos dos Apóstolos.

Ler a Bíblia com olhos espirituais é diferente do que ler com olhos naturais! Da mesma forma precisamos avaliar o mundo em que vivemos, especialmente nosso Estado, comparando os acontecimentos naturais à luz do mundo espiritual! Esse não é um assunto que deve ficar restrito às religiões de ocultismo: é missão da igreja! Por isso, à luz do que vimos nas escrituras, pretendo introduzir você no mundo espiritual de nosso Estado, o Rio Grande do Sul!

⁵ BARCLAY, Willian, Letters to the Philipians, Colossians and Thessalonians , p. 142

⁶ Ibidem p. 143

Capítulo 2

O Rio Grande do Sul e sua História

Gaúcho não é apenas o que nasce no Rio Grande do Sul, mas o habitante de uma extensa região que vai do Rio Grande do Sul, Uruguai e chega aos confins da Argentina. Assim, se você pesquisar o termo gaúcho, a maior parte de sua pesquisa irá tratar do habitante dos pampas, incluído também os habitantes desses países. Não existe uma fronteira que delimite o gaúcho, até porque os historiadores afirmam que gaúcho significa “errante”, ou “vagueador”, porque o homem dessas terras não conhecia fronteiras. “O vocábulo gaúcho provém da expressão quéchua *huachu*, que quer dizer órfão ou vagabundo. Os colonizadores espanhóis transformaram o termo; aos órfãos chamavam *guachos* e aos vagabundos, gaúchos. No sul do Brasil costumam chamar-se “gaudério” ou “gaúcho”.¹

Correto ou não, uma criança ou animal que se cria sem pai ou mãe o gaúcho chama de *guacho*! Mas os historiadores divergem, e alguns aventuram-se nesse ramo, sem saber de onde vem a palavra. “Ainda que seja utilizada no rio da Prata – e até no Brasil – não há certeza absoluta sobre a origem da palavra gaúcho. Provavelmente o vocábulo quéchua *huachu* (órfão, vagabundo) haja sido transformado pelos colonizadores espanhóis, chamando de gaúchos aos vagabundos e *guachos* os órfãos. Existe a possibilidade de que os crioulos ou mestiços passaram a pronunciar assim, *gaúcho* para a palavra “chaucho”, introduzida pelos espanhóis como uma corruptela de *chaouch*, que em árabe significa arreador de animais.”² Como se vê, os historiadores, como os gaúchos, vagueiam buscando o significado da palavra. E isso não nos afasta de nosso tema.

As fronteiras geográficas não limitam o gaúcho e seu espírito aventureiro. Ele cruza a “fronteira”, porque para ele não existem limites ge-

¹ Consulta feita em 21.05.04 no sitio www.rau.edu.uy/uruguay

² <http://www.elfolkloreargentino.com/gauchos.htm> - visitado no dia 21.05.04

ográficos. Tanto faz que seja um gaúcho daqui do Rio Grande, ou da Argentina. O gaúcho de lá se sente bem do lado de cá e vice-versa!

Seja conhecendo as poesias do argentino Martin Fierro, ou a literatura dos gaúchos Érico Veríssimo, Jayme Caetano Braun e Alcy Cheuiche, pode-se conhecer um pouco a terra. Este último descreve muito bem o ambiente do interior.

Entendo. Envelheci entendendo.
Bicho não tem alma, eu sei bem,
mas será que vivente tem?
Que diacho! Eu gostava do meu cusco.
Era uma guaipeca amarelo, baixinho,
de perna torta, que me seguiu num domingo,
de volta de umas carreira.³

Essa peculiaridade do gaúcho, do viver e do falar precisa ser conhecida de todos quantos vêm de fora e aqui querem viver. Exatamente como um gaúcho tem de fazer quando irá residir no norte ou no nordeste do país. Ele precisa se adaptar à nova cultura. Aos que me lêem de outros estados, aí vai uma típica frase gauchesca: *calça teu carpim, mete a bota no pé, veste o pala, cincha a guaiaca, encilha o cavalo, pegue os arreios que a lombá é grande. Deixa o cusco, ele te segue tranqüilo, ainda que rengueando! A menos que ele encontre outro guaipeca zonzó e perdido. Você entendeu?*⁴

Povo de oposição sistemática

Historicamente os habitantes do Rio Grande do Sul são vistos como pessoas guerreiras, que batalham em busca de seus direitos, o que os levam a lutar e a fazer oposição ao poder central, hoje em Brasília. A manchete do encarte de cultura de Zero Hora brada com as bandeiras vermelhas tremulando ao fundo: “A esquerda encontra o seu paraíso”.

³ Tomadas no sítio <http://www.paginadogaicho.com.br/jayme/> no dia 2.05.04

⁴ NA Carpim, meia de sapato; pala, manto que cobre o corpo; cinchar, apertar (o cinto); encilhar, colocar os arreios no animal; lombá, subida ou descida; cusco ou guaipeca, cachorro; renguear, mancar.

Numa reportagem do Jornal Zero Hora, a jornalista Rosane de Oliveira diz: “... o Rio Grande do Sul é a meca das esquerdas... suas raízes mais profundas podem ser localizadas no século passado” ⁵ A frase dessa reportagem expressa um pensamento dominante na boca do povo: o Rio Grande sempre faz oposição! Haja vista que o estado recebe como herói aqueles que lutaram contra governos em outros lugares.

No dia em que Olívio Dutra tomou posse como governador, algum militante ousado fez tremular a bandeira de Cuba no Palácio Piratini, a sede do governo! E nós sabemos o quanto Fídel Castro perseguiu e matou o povo de Deus no passado! Os jornais noticiaram que um dos líderes revolucionários das FARCS colombianas foi recebido pelo governador no palácio... e no último Foro Social Mundial uma multidão delirante aplaudiu o discurso do esquerdista Hugo Chaves, do então presidente da Venezuela.

O gaúcho seja ele ateu, de esquerda ou de direita, costuma ser oposição tenaz ao estabelecido.

O problema com a linha ideológica dos partidos de extrema esquerda é que a ideologia que as inspira, perseguiu e matou milhões de pessoas, especialmente os cristãos nos países onde a bandeira comunista tremulou, como na Rússia, por setenta anos. A linha albanesa (que serve de orientação a um dos partidos políticos brasileiros), preconizava, na Albânia, através de seu líder Ever Hoxa que todos os crentes e todas as Bíblias haviam sido eliminados do país! Jamais devemos esquecer que milhões de pessoas morreram na antiga União Soviética para que o comunismo fosse instalado. Essa cifra astronômica não é levada em conta nos dias de hoje! E quantos cristãos esqueceram tão rapidamente o sofrimento de seus antepassados na Europa Oriental.

No entanto, a revolução Russa de 1917 que amedrontou o mundo ocidental foi vencida pela ação da igreja que, com crentes disciplinados e comprometidos com o Reino de Deus minou as bases do governo comunista com manifestações de poder, milagres e curas nos altos escalões do governo que não mais podiam compactuar com o ateísmo, passando a defender a fé cristã. E foi a persistência na oração e intercessão

⁵Zero Hora, caderno de cultura, de 26/12/1998 p. 3

de pessoas que ficavam noite e dia defronte ao Kremlim orando, que contribuiu para derrubar por terra o espesso muro de ferro que nos separava da Europa Oriental.

Não que um sistema de governo oposicionista afete a missão da igreja na terra, de modo algum. A igreja é soberana (os políticos não gostam de ouvir isto) sobre os governos da terra, pois ela governa ao lado do Grande Soberano, do Senhor dos Senhores e Rei dos Reis. Sua posição de governo está acima dos palácios de governadores e presidentes; no dizer de Paulo, o apóstolo perseguido pelos Césares de Roma, a igreja está assentada, governando com Cristo nos lugares celestiais em Cristo Jesus “acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro” (Ef 2.6; 1.21). Existe algum nome famoso e poderoso no momento? A igreja está acima dele! Existe algum líder mundial em plena evidência? A igreja está acima dele; acima da ideologia ateísta de Lenin, da teoria de Darwin, das idéias de Adam Smith e do poderio tecnológico de Bill Gates. Entretanto, a igreja sempre sofreu oposição na sua missão de evangelização, seja por parte da direita ou da esquerda; dessa muito mais!

Identificando as forças opositoras do mundo espiritual

Não creio que ideologias políticas, culturais e religiosas sejam impedimentos intransponíveis para a pregação do evangelho, mas temos de admitir que se constituem em forte oposição à fé que pregamos. Só não conseguem reprimir as manifestações públicas da verdadeira expressão de fé, porque Deus é maior que qualquer ideologia. E precisamos conhecê-las para melhor lutar contra elas.

Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo, e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão. Observai o que está evidente. Se alguém

confia em si que é de Cristo, pense outra vez consigo mesmo que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos (2 Co 10.3-7).

Paulo fala em fortalezas, sofismas e altivez. A diferença entre fortaleza e sofisma, é que a primeira tem de ser destruída e a segunda anulada. Sim, porque um sofisma tem de ser combatido com a verdade, porque o sofisma não passa de uma mentira com cara de verdade! Engana por se parecer com a verdade, mas é mentira! O sofisma é próprio dos que se escondem nas fortalezas! Já uma fortaleza é um local, seja ele geográfico, político ou ideológico que prende as pessoas em seu seio.

O irmão Edgardo Silvoso, do Evangelismo de Colheita, dá uma outra definição de fortalezas: “Uma mente impregnada com a falta de esperança é também uma fortaleza, especialmente porque leva o crente a aceitar como imutável aquilo que ele mesmo sabe ser contrário à vontade de Deus”.⁶ Para que você tenha idéia, imagine o brasileiro diante de uma catástrofe da natureza, vivendo sem muitas alternativas, dizendo: “Deus quis assim”. Esse é um tipo de fortaleza que domina a mente das pessoas, impregnada na cultura da desesperança! A expressão “Se hay gobierno, soy contra”, celebrizada na Argentina, mas falada pela gauchada retrata um outro tipo de força cultural: tudo o que é estabelecido é contestado!

A cultura também pode ser um tipo de fortaleza, em que uma pessoa se desculpa, e por trás dela se esconde, esquivando-se de ouvir o evangelho. Assim, afirmar que nossa cultura é diferente, e não tem espaço para religião, é uma fortaleza na vida de tantas pessoas. Escondemo-nos por trás de nossa cultura e rejeitamos tudo o que vem de fora!

A independência é outra forma de fortaleza, porque nos escondemos atrás da ideologia do humanismo, da nossa capacidade de reagir às dificuldades, e até mesmo esquivando-nos de receber ajuda de alguém que vem de fora! Isso se reflete até mesmo na igreja! Quantas igrejas criam fortalezas doutrinárias até mesmo contra o Espírito Santo? E quantos profetas e homens de Deus foram aqui rejeitados?

Não vou desenvolver neste livro uma abordagem sobre a cultura,

⁶ SILVOSO, Edgar *in* Possuindo os Portais do Inimigo, Cindy Jacobs, Editora Atos, p. 105

mas apenas dizer que ideologia e religião são aliadas da cultura. Religião e cultura são duas coisas que caminham juntas ao longo da história. Haja vista que no Novo Testamento, alguns assuntos ensinados pelos apóstolos vêm mesclados de costumes, ou da cultura da época. Quantos temas de nossa teologia são meramente culturais? O Espírito Santo foi sábio, por exemplo, ao eliminar a obrigatoriedade da circuncisão aos gentios que aceitavam o evangelho!

Algumas das culturas gaúchas são conhecidas: os bailes em que moças, vestidas de prendas, e rapazes de gaúchos se divertem. O chimarrão – bebida amarga – sorvido através de uma “bomba” diretamente da cuia faz parte do dia-a-dia até mesmo dos habitantes das grandes cidades. O churrasco de costela gorda; do matambre enrolado, da picanha, da carne de ovelha, é também um hábito alimentar do gaúcho.

Essa rica cultura tem lá suas conseqüências. Primeiro porque o gaúcho tem dificuldades de adaptação a outras culturas. As pessoas que daqui saem têm de levar consigo seus costumes: o mate, o churrasco, a vestimenta típica, os CTG's. Nem mesmo os crentes conseguem se adaptar às igrejas noutros estados! Segundo, pela tradição. Aliás, algumas bem positivas, como a do prazer de ficar em casa no domingo de manhã com a família. Reservar as manhãs para a vida em família e mudar a Escola Dominical para outro horário ou dia da semana tem sido a opção em muitas cidades.

Domingos de manhã o gaúcho de Porto Alegre é visto nos parques e jardins, tomando seu mate amargo, brincando com seus filhos, passeando com seu cão de estimação, o que não pode ser ignorado pelos que para cá vêm pregar o evangelho. E isso é costume também da vida do campo. Cada lugar com sua cultura!

Entender como funciona a cultura de Porto Alegre e de outras cidades gaúchas é fator preponderante para a pregação do evangelho e o estabelecimento do Reino de Deus.

Assim, uma fortaleza abriga todo tipo de poder, de força, que a Bíblia chama de potestade. A tradução brasileira diz: “porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas poderosas em Deus para demolição de fortalezas”. Demolição de fortalezas! Uma fortaleza dá a idéia de

encastelamento, isto é, de alguém usar um castelo, no estilo medieval, para se proteger.

Gary Kinnaman em seu livro *Overcoming the Dominion of Darkness* fala de três tipos de fortalezas: A territorial, a ideológica e a pessoal.⁷ Estudando sobre o Rio Grande do Sul achei por bem falar de fortalezas ideológicas, culturais e religiosas. Aqui no estado construímos nosso castelo e nos escondemos dentro desses três tipos de fortalezas. Pelo menos essas são facilmente identificáveis: Fortalezas ideológicas, culturais e religiosas. É o tema que desenvolvo no próximo capítulo, em que você poderá também identificar os poderes de sua cidade e estado.

⁷ KINNAMAN, Gary , *Overcoming the Dominion of Darkness*, Tarrytown, N.I. Chosen Books, 1990 p.54,56-58.

Capítulo 3

Fortalezas Ideológicas

Consulte os lingüistas, filósofos e historiadores e verá que eles também não chegam a um acordo sobre o que é uma ideologia. O portal da Confederação Nacional de Escolas Particulares, do México afirma que “O termo é variado e impreciso e foi utilizado pela primeira vez por Destutt de Tracy quando se referia à sua *teoria da formação de idéias*. O atual sentido da palavra veio da pena de Marx e Engels. Estes entendiam por ideologia *um tipo especial de “falsa consciência determinada pelas relações sociais”*. Se esses entendiam ideologia pelo lado negativo, no decorrer dos anos a palavra tem sido utilizada no sentido positivo. Assim, a ideologia passou a ser um conjunto de idéias, coerentes e racionais para compreender a maneira como uma sociedade pode se organizar.”¹

Atribui-se o positivismo ao francês Claude-Henri Saint-Simon, mas quem popularizou o conceito foi seu aluno Augusto Comte. O positivismo não aceita nada que seja da área da metafísica ou da teologia.² O professor Arnaldo Doberstein que leciona na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e que fez um levantamento minucioso das estátuas em prédios e praças ao abordar os monumentos de nosso estado, afirma que os “principais líderes do republicanismo positivista rio-grandense eram confessadamente materialistas e ateus” bem como grande parte da intelectualidade e da sociedade em geral, mas que a partir da década de vinte do século passado, “o positivismo materialista e ateu começou a ceder espaço para os valores salvacionistas do catolicismo...”³

Na realidade, a ideologia positivista nasceu com o humanismo no Jardim do Éden quando o homem decidiu viver independentemente de

¹ <http://www.cnep.org.mx/Informacion/teorica/ideologia.htm>, consulta no dia 22.05.04 às 15 h.

² ROHMAN, Chris, O Livro das Idéias, Editora Campus, p. 315

³ DOBERSTEIM, Arnaldo W. Estatuários, Catolicismo e Gauchismo, Edipucrs p. 26

Deus, e conseqüentemente de seus amigos. No positivismo a necessidade de expor os feitos humanos é muito forte, e Arnaldo Doberstein afirma que o estado precisava mostrar grandeza e magnificência, o que ocorreu durante os governos de Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, e foram eles os que mais se empenharam em modernizar a Cidade de Porto Alegre.

E é esse espírito de independência e de autonomia que se incorporou na cultura do gaúcho. Quer dizer, o humanismo é como um grande guarda-chuva que protege e dá cobertura ao pensamento cultural do estado. É o sentimento de que não precisamos da ajuda de ninguém, nem de fora nem mesmo de dentro. E isso é tão forte que respinga sobre a igreja e seus pastores.

Há uma idéia prevalecente entre alguns pastores do Estado de que não precisamos da ajuda dos que vêm de fora para pregar a palavra de Deus. Ao longo dos anos percebi como esse principado domina a mente das pessoas no Rio Grande do Sul, a ponto de pastores rejeitarem a presença entre nós do segundo homem mais importante da Associação Billy Graham, o evangelista Robert Cunville. Ele foi rejeitado num café da manhã quando os representantes de Billy Graham vieram com ele a Porto Alegre tratar da possibilidade de uma Cruzada na cidade. Esse é um exemplo recente do que pretendo afirmar.

Por aqui passaram profetas de Deus buscando contribuir com a evangelização do estado – alguns não encontraram boa recepção entre nós, e eu poderia citar os nomes de vários deles. E esse espírito de independência não é apenas com os que vêm de fora, mas também entre nós na cidade. Os pastores e suas igrejas costumam se encastelar nos seus domínios, e não levam seu povo a participar de eventos que envolvam toda a igreja. Raros são os que se dispõem a cancelar suas reuniões semanais ou de fim de semana a favor de uma conferência unida para a edificação do reino de Deus! Nossas “Marchas Para Jesus” com três ou quatro mil participantes espelha o que estou dizendo. Estou citando alguns, mas você haverá de se lembrar de tantos outros! Afora os profetas de Deus menos conhecidos!

Esse mesmo principado ideológico e humanista leva as pessoas à

radicalização. Essa tendência à radicalização afeta os partidos políticos, cidades que disputam o controle comercial, regiões e também a igreja. Obviamente que tem maior visibilidade nos partidos políticos, sejam de que tendência for. Não há dúvidas de que o humanismo aceita a pluralidade de idéias, o confronto, mas jamais abre mão de sua ideologia. Quem vem morar aqui tem que se definir logo se é colorado – torcedor do Inter – ou gremista! Os torcedores torcem contra o outro time nem que esteja em disputa um título mundial! Essa radicalização de guaranis e charruas, gremistas e colorados, maragatos e chimangos, reflete-se também no tipo de igrejas no estado, em que se “torce” para que nada dê certo com a igreja do pastor fulano. Volto a abordar esse assunto quando trato da questão da unidade do povo de Deus.^{Nota}

Um dos sinais evidentes desse espírito de independência foi a revolução separatista contada ao público noveleiro em *A Casa das Sete Mulheres*. A guerra dos farrapos – termo usado porque os soldados mais pareciam farrapos – em que os gaúchos lutaram contra o resto do país, surgindo daí nomes como Garibaldi, Anita, Bento Martins, Bento Gonçalves mostra com clareza a luta do gaúcho contra o império. Até hoje o 20 de setembro é mais celebrado que o 7 de setembro, data da independência do Brasil. Porque no 20 de setembro os gaúchos celebram, com pompa, sua guerra contra o resto do país. Nas lojas, Bancos, escolas e repartições públicas todos se vestem com trajos típicos, lembrando a façanha gaúcha. Apesar de haver perdido a guerra, celebramos a conquista por direitos civis.

^{Nota:} Eram duas facções políticas do Estado. Os maragatos, receberam esse nome, porque os revolucionários eram compostos de gente de outros países, vindos pela fronteira do Uruguay. O termo maragato é espanhol e refere-se uma região da Espanha situada na província de León, na Espanha, conhecida como Maragateria. Os maragatos espanhóis eram eminentemente nômades, e adotavam profissões que lhes permitissem estar em constante deslocamento. Ficaram conhecidos por usarem o lenço vermelho. Já os Pica-paus ou chimangos, os federalistas, usavam lenço branco. Eles surgiram no Rio Grande do Sul em 1893, durante a Revolução Federalista. Mais tarde os próprios rebeldes passaram a se denominar “maragatos”, e chegaram a criar um jornal que levava esse nome, em 1896. Já o termo pica-pau, aplicado aos republicanos que apoiavam o governo central, teria surgido em função das listras brancas do topete do pássaro, pois os governistas usavam chapéus com divisas brancas, que lembravam o topete do pica-pau, enquanto que as dos maragatos eram vermelhas.

Esse espírito ideológico foi muito bem interpretado pelo gaúcho Teixeirinha numa de suas canções: “Mas se alguém me pisar no pala, meu revólver fala e o buchicho está feito”.⁴

Essa fortaleza ideológica – inspirada no pensamento esquerdista – manifesta-se de muitas formas. Por exemplo, na união de forças em torno de certos temas. Os ateus gaúchos criaram sua própria ONG para defender o ateísmo e combater a aproximação entre igreja e estado. Os gaúchos ocupam a vanguarda na defesa dos direitos de seus cidadãos através de um sem-número de pequenas associações. Até mesmo a sociedade porto-alegrense organizou-se em associações de Bairros que ditam à Prefeitura o que precisam e o que detestam em sua vizinhança. Caso você realize um culto público sem permissão da Prefeitura, imediatamente o líder do Bairro ou da Associação que governa essa ou aquela praça da cidade, avisa os órgãos competentes. Em alguns bairros, até mesmo para se fazer a obra social, os pastores precisam pedir permissão ao Presidente da Associação!

Vale acrescentar que toda cultura é impregnada de ideologias e de religião. Por isso quando falo de cada um desses poderes, não ignoro o fato de que eles operam em rede; uma rede invisível cujos nós entrelaçam todos eles. Religião e cultura são inseparáveis. Exemplo disso é a maçonaria, também forte no Rio Grande do Sul, impregnada desse sincretismo religioso que acabo de abordar. No convite a novos sócios, o portal anuncia:

A Grande Loja da Maçonaria Universal revela-se com um papel preponderantemente espiritual, social e educativo. Além de ser Companheirismo e Solidariedade, é Filosofia, é Liberdade, e muito mais. A Maçonaria é progressista e tem olhos também no futuro e sempre está aberta às novas idéias, e às mais recentes realidades de nosso tempo. Há centenas de anos, estuda e trabalha na Investigação Constante da VERDADE, e é fato que estamos vivenciando uma época totalmente diferente, em toda a história da humanidade, jamais experimentada pelo Homem, cha-

⁴Ao longo de 27 anos de carreira, compôs mais de 700 músicas, ganhou 13 discos de ouro no Brasil e um Galo de Ouro em Portugal. Extraído do sítio: <http://www.cifrantiga.hpg.ig.com.br/Crono3/teixeirinha.htm>, no dia 22.05.04

mada “Era Digital”. Com o surgimento de inúmeras tecnologias digitais como a Internet; a Grande Loja da Maçonaria Universal abre suas portas para você, convidando-o a conhecer nosso site oficial e oportunamente ser um Membro de nossa Ordem. A G.’. L.’. M.’. U.’. é uma opção positiva de VIDA. Nossos estudos o ajudarão a atingir o seu potencial em todos os níveis: físico, mental, psíquico e espiritual para uma vida melhor, venha unir-se a nós.⁵

Como se vê a maçonaria pressupõe ser uma ordem que atende ao físico, ao psíquico e ao espiritual! Não é de se admirar que membros de igrejas e pastores sejam também membros da maçonaria. Por ser sincrética, está aberta a todas as crenças!

A maçonaria e a história do Rio Grande do Sul não podem ser estudadas independentemente uma da outra. O grande insigne da revolução gaúcha, Bento Gonçalves, era maçom. Foi ele que levou os gaúchos a combaterem entre si, engalfinhando-se numa batalha de verdadeiro fratricídio, em que irmãos lutaram entre si até a morte. Houve cenas de degola... “Bento Gonçalves, grão-mestre da maçonaria, tem seu busto cinzelado em bronze em Rio Grande. Na mesma praça em que está o busto de Bento na cidade de Rio Grande, há um lago que por ela serpenteia – literalmente em forma de serpente – em que, na cabeça da cobra há um chafariz de origem francesa. Na cauda foi posta uma estátua de Jesus. De gestos, roupas e feições afeminadas. Simbolismo às avessas, pois na Bíblia Jesus esmaga a cabeça da serpente, lá divide espaço com o símbolo da luxúria, humanismo e sensualidade gregas, a ‘Vênus de Milo’”.⁶

Analisemos primeiramente as ideologias e culturas. Um exemplo de ideologia é o comunismo ateu, que apesar de suplantado na Europa continua efervescente no Brasil. Não resta dúvidas de que Thomas More e sua Utopia deu lugar à idéia de uma sociedade igualitária em sua ilha de Utopia, a sociedade perfeita. Mas essa sociedade perfeita só ocorrerá com o Advento do governo de Cristo na terra!

Um sofisma que se enraizou na sociedade, como se fosse uma gran-

⁵ <http://www.lojamaconica.org.br/> - consulta feita no dia 22 de maio de 2004 às 14 h e 50

⁶ Apostilha de Paulo Canary, Sivis Pacem Parabellus, Rio Grande, usado com permissão.

de verdade é o ensino da teoria da evolução, supostamente criada por Darwin. A implantação de doutrinação anti-religioso nas escolas, o ensino sobre evolução das espécies e não o criacionismo é uma fortaleza que nossos filhos enfrentam. E é uma fortaleza baseada num sofisma, ou engano. As ideologias repletas de sofismas, ou engano criam raízes na cultura de um povo, e isso é claramente notado quando um partido político de cunho ideológico permanece por muito tempo no poder. As novas gerações assumem a ideologia como parte de sua cultura; e aceitam os sofismas como parte da verdade! Não é assim que o ensino marxista se infiltrou nas escolas? A cultura do reino de Deus tem que contrapor aos sofismas e ideologias do homem!

Historiadores afirmam que o Rio Grande do Sul é fortemente influenciado pelo humanismo de Augusto Comte (1798-1857) que põe o homem no centro. Deus é dispensado. O Rio Grande foi fortemente influenciado pelo positivismo! Apesar de ser um grande obstáculo, o evangelho de Jesus Cristo é ainda mais poderoso! Comparado com outros estados do Brasil, no entanto, o Rio Grande do Sul é considerado um estado não evangelizado. As forças opositoras no mundo espiritual são mui grandes.

Qualquer pessoa argumentará que essas mesmas forças existem em outros estados do Brasil, o que é verdade, por isso, precisamos responder por que no Rio Grande do Sul o evangelho não tem a mesma penetração na sociedade como em outros estados? Deve haver uma explicação racional e espiritual. É o que tentamos responder com este livro.

Podemos identificar os poderes culturais nas filosofias, no humanismo, e no materialismo, especialmente porque os gaúchos sempre buscaram na França seu aperfeiçoamento cultural, e de lá trouxeram idéias e filosofias que se enraizaram em nossa cultura. A influência do pensamento francês pode ser vista nas estátuas que a França exportou para nosso Estado, seus símbolos e o que representam, na vida dos que cruzavam o mar para estudar em Paris.

Uma ideologia cultural muito forte no estado é o culto ao tradicionalismo, a manutenção da cultura gaúcha, como é feito, que prende o estado à tradição, e isso tem sido uma barreira para a divulga-

ção do evangelho. Seria possível utilizar a tradição gauchesca como meio de divulgação do evangelho? Havia fortalezas culturais nos dias apostólicos, e quando Paulo tentou lutar contra elas com o conhecimento humano, fracassou. Paulo dá a entender que Creta era uma fortaleza da mentira, e recomenda a Timóteo que deve tomar cuidado quando tiver que ordenar os líderes da igreja! De todas as fortalezas, a tradição é uma das mais fortes!

E a tradição religiosa, por exemplo, impede que as pessoas conheçam a verdade do evangelho. As pessoas imaginam que, aceitando o evangelho mudarão de religião, permanecendo na ignorância que sua tradição religiosa lhes legou! E quando falo em tradição religiosa não tenho em mente apenas os da religião de Roma, mas também uma boa parcela de evangélicos tradicionais que têm medo de novas idéias, fechando-se a qualquer tipo de renovação! “Nasci nessa igreja, e quero morrer nessa igreja”, dizem as pessoas quando são confrontadas com o evangelho! Essa idéia tem criado um novo tipo de cristão no país, que frequenta o meio evangélico sem jamais se desligar de sua tradição religiosa!

Essas duas forças espirituais, a ideológica e a cultural têm de ser entendidas por aqueles que querem pregar o evangelho no RS, tema que você acompanhará no próximo capítulo.

A revolução farroupilha e sua influência na igreja, hoje

A guerra dos farrapos é comemorada com grande pompa no dia 20 de setembro pelos gaúchos. Vestidos a rigor, homens e mulheres, moços e moças, funcionários de bancos, profissionais liberais, escolas e empresas fazem da tradição uma época em que todos se vestem de gaúcho e prenda. É uma data que lembra a guerra em que os gaúchos se levantaram contra o governo central, mas também uma guerra em que lutamos contra nossos irmãos de sangue. Durante dez anos os gaúchos se engalinharam numa peleja insana, matando-se uns aos outros. Os vencidos eram mortos pela degola – um gaúcho agarrava seu compatriota pelo cabelo, virava sua cabeça para trás e o degolava!

Sem entrar no mérito de avaliar historicamente se a guerra foi boa ou má para o país e para o estado, se a luta era ou não necessária, o certo é que a revolução dos farrapos é uma mancha sangrenta na história de nosso povo.

O legado da revolução farroupilha em que os gaúchos lutaram entre si, numa batalha sangrenta como vista na série de tevê *A Casa das Sete Mulheres* ainda permanece na cultura do povo, e mais, persiste em ficar na igreja. Duas coisas ficaram salientes na série apresentada na televisão: orgulho e ódio! Os gaúchos que deveriam irmanar-se em fraternidade e amor, ainda se dividem, vez que outra oscilando entre o ódio e o amor; entre a humildade e o orgulho. Numa sociedade sem Cristo é possível que isso continue a existir, mas jamais entre os irmãos da mesma fé!

Esse “espírito farroupilha” de 1835 ainda persiste, infiltrando-se nas hostes de Jeová causando grande estrago. Cristãos maragatos lutam contra os cristãos chimangos, repetindo a velha rivalidade da revolução federalista de 1923. Como na velha luta em que o crente oscila entre a carne e o espírito; entre a fé e a razão; entre a mística e o pragmatismo, sempre pendendo para um dos lados, nesse momento, analisando a vida espiritual da igreja do Rio Grande do Sul, percebe-se que o velho espírito divisionista dos farroupilhas que deveria desaparecer com a chegada do evangelho de Cristo, contaminou a pregação do evangelho e o estilo de vida da igreja. E mais: vem dividindo em pequenos fragmentos o corpo de Jesus Cristo no estado, minando e tirando a autoridade da igreja no mundo espiritual.

Em algumas cidades pequenas do interior do Estado esse embate “farroupilha” é mais visível na igreja. Quando todos deveriam se unir pela causa do evangelho, surgem os pólos de combate, com irmãos lutando contra irmãos! À semelhança da guerra dos farrapos, a igreja também está um “farrapo”, sem o esplendor de Cristo. É hora, no entanto, de nos mobilizar numa só força; lutando todos contra nosso único adversário, que é Satanás!

Paulo Eril que trabalha com batalha espiritual afirma que um dos legados da revolução que dividiu o Estado é a luta entre “irmãos de sangue” – parentes que se dividem por questões políticas e religiosas!

Assim, cada pastor cristaliza seu ponto de vista, separa-se dos demais e fere o já tão machucado corpo de Cristo. O chumbo da revolução farroupilha continua espalhando terror na seara dos campos do Senhor, atingindo e ferindo os irmãos da mesma fé! A degola espiritual continua presente em muitos ministérios!

Além do ódio e do orgulho, heranças gaúchas presentes na sociedade e na igreja, percebem-se mais dois: o anelo pelo poder e um espírito de manipulação – exatamente para ter o poder! Por isso a unidade entre os irmãos da mesma fé esbarra no orgulho, no ódio, no desejo de poder e manipulação. Alguns líderes de igreja querem viver em unidade, desde que o poder esteja em suas mãos! E para tanto, usam do poder e habilidade de manipulação para controlar pessoas.

A arma para se combater o orgulho é a humildade. Para o ódio, o amor. Para o poder, serviço e para a manipulação, submissão. Sem essas qualidades não conseguiremos deter o espírito de carnificina que ainda paira sobre o estado e contamina a igreja. Sempre que os líderes se deixam dominar pelo orgulho – ainda que vestidos das roupas da humildade – não conseguem também detectar o ódio latente em seus corações. Antístenes, filósofo grego, andava mal-trajado porque pregava que a verdadeira virtude era desprezar as riquezas, a honra e o prazer. Andava com seu alforje e o bordão de mendigo, como símbolo de sua filosofia. Por isso, Sócrates encontrando-o certo dia lhe repreendeu, dizendo: “Antístenes, estou vendo o teu orgulho através dos buracos da tua capa”.⁷

A verdadeira humildade vence o orgulho. O anelo pelo poder é detido na submissão e serviço que prestamos uns aos outros. Só há um meio de combatermos as forças ocultas reinantes nesse estado: serviço! Abençoar os que nos perseguem, ajudá-los a combater o Diabo e nos humilhando, porque esse é o caminho para a glória de Deus na igreja! Trato da questão da unidade mais adiante. Quero ressaltar, no entanto, que o velho espírito divisionista presente na guerra dos Farrapos, continua ativo, dividindo não apenas os políticos, mas também a igreja do Rio Grande do Sul.

⁷ARRUDA, Silvio Ferraz, Frases Célebres Notáveis, editora Nobel p. 17

O orgulho produz os “donos da verdade” em que o meu ponto de vista é sempre o mais correto, pressupondo primazia para governar! A destruição, mortes, derramamento de sangue, miséria, falência comercial e a pobreza são ainda frutos dessa revolução, já que a expressão “farrapos” representa tudo isso!

Fortalezas políticas

O subtítulo serve apenas para indicar que as fortalezas ideológicas usam a política para impor suas idéias, e é na política que a ideologia tem sua maior expressão. O comportamento de membros de um mesmo partido político daqui difere totalmente do mesmo partido em outra parte do país. Não podemos esquecer que o movimento pró-comunista que percorreu o país saiu de nosso Estado. Luis Carlos Prestes e sua famosa “Coluna Prestes” percorreu o país divulgando suas idéias comunistas. Qualquer pessoa que leia o trabalho de Prestes, passa a admirar a perseverança desse homem na ideologia que pregava. Era comunista declarado e para isso lutou até sua morte!

Essa ideologia às vezes se manifesta nos momentos piores de nossa história, como quando da destruição das Torres Gêmeas em Nova Iorque. Alguns deputados, conhecidos nacionalmente por fazerem oposição, reagiram a favor dos terroristas, o que pode ser visto nas declarações do Deputado Padre Roque Graziotin e da Deputada Luciana Genro publicadas na imprensa. Por isso, não é de surpreender a reação do público que assistia a um show do sueco Yngwie Malmsteen na noite de 3 de outubro de 2001. O cantor foi vaiado nas quatro vezes em que tentou tocar uma música patriótica americana. A reação dos freqüentadores? “Bin Laden, Bin Laden”, ouvia-se em coro! ⁸

Ser adepto de uma ideologia não é errado. Nós, os cristãos agarramos ao que Jesus Cristo nos ensinou. O problema da ideologia é quando ela é imposta à força, como foi o caso da ideologia comunista em 1917 na Rússia e depois na Ilha de Fidel, Cuba em 1959. O pensamento humanista – também impregnado ideologicamente – deixou o Rio Gran-

⁸ Ver reportagem em Zero Hora do dia 4/10/2001 à p. 43

de orgulhoso de si mesmo; de sua potencialidade, crendo que pode resolver sozinho seus problemas. Ainda recordo dos defensores da saída da Ford do Rio Grande do Sul para a Bahia. Havia um orgulho incontido do governador Olívio Dutra ter tido autoridade para não querer que a Ford se instalasse no estado; um orgulho de que, aqui, somos sempre oposição! Ainda que isso significasse falta de empregos no Estado. As cartas de leitores nos jornais daquele período indicam esse orgulho gaúcho!

Esses dois ramos da filosofia, o humanismo e o positivismo, se analisados mais de perto, não passam de uma outra religião. Não religião no sentido que entendemos, de ligar o homem com Deus, mas uma religião do homem que liga o homem ao que ele crê. Em que crê o positivista ou o humanista? Em si mesmo, em sua capacidade, inteligência e poder. Pois o humanismo leva o homem a crer em si mesmo, a depender de sua capacidade, a confiar no homem! É a religião do ego, que liga o homem consigo mesmo. Contrariamente ao que diz a palavra, “maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do Senhor” (Jr 17.5). Enquanto a palavra de Deus recomenda o homem a não confiar em si e depender do Senhor, o humanismo age ao contrário.

“Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apóie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas. Não seja sábio aos seus próprios olhos; tema o Senhor e evite o mal. Isso lhe dará saúde ao corpo e vigor aos ossos” (Pv 3.5-8). Para o humanismo um texto assim é idiotice! Pois essa vaidade que leva o homem a desprezar o conhecimento de Deus é o agente de sua própria condenação.

O texto da carta de Paulo aos Romanos, mostra como o positivismo e seu humanismo ateu causa tantos males, pois, a partir do momento em que o homem confia em si mesmo e despreza o conhecimento de Deus traz o mal sobre si e sobre a sociedade. Vale a pena ler o que Paulo escreve:

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo com-

preendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se.

Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros.

Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam. Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis. Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam (Rm 1.20-32).

Capítulo 4

O Sincretismo Religioso

Está na raiz da vida do gaúcho. O índio que aqui vivia era animista, isto é, acreditava que havia espíritos em todas as coisas, especialmente na natureza; em outras palavras, a mesma crença de hoje de que Deus está em tudo! Até num pedaço de pau! Os jesuítas, no entanto, não ensinaram a crença num Deus Uno, mas tomaram a crença dos índios e a incorporaram no ensino da igreja Católica. Assim, o índio guarani ou o charrua assimilou a fé cristã sem abandonar suas crenças.

Os jesuítas – na realidade verdadeiros cruzados – podem ter tido a melhor das intenções, mas estabeleceram a base para que a cultura gaúcha estivesse aberta a qualquer “religião”. Por isso, expressões como “todo caminho leva a Deus”, “toda religião leva ao Pai”, “toda religião salva” incorporaram-se no dia a dia do gaúcho. Esse sincretismo religioso levou os gaúchos a nivelarem Jesus a Buda, Confúcio e Maomé, dando-lhe o mesmo respeito a esses nomes da história. Mais tarde, esse sincretismo acentuou-se com a chegada ao Estado da religião Afro que alguns preconizam ser obra do chamado Príncipe Negro que você logo conhecerá.

A razão por que abordo apenas a influência das religiões afro-brasileiras na política gaúcha é por se tratar de uma religião de origem pagã, e também pela maneira como penetrou e anulou, até certo ponto, as idéias humanistas. Não ignoramos, no entanto, a presença dos evangélicos na política gaúcha ao longo dos anos – não tão salgada como a das religiões afro-brasileiras. Ultimamente, sim, a presença dos evangélicos na vida política do Rio Grande do Sul é bem forte, mas com resultados aquém do esperado.

A presença dos evangélicos pode ser vista na eleição de vereadores e deputados, em que certas igrejas fecham questão em torno de um candidato e o elegem, contrariamente a eleição de pais-de-santo que, como veremos, é rara pela desunião e individualismo das religiões afro-brasi-

leiras. A questão que tento provar é que a influência afro-brasileira na sociedade gaúcha, apesar de quase não contar com uma bancada desse tipo, é maior que a dos evangélicos. Tivemos políticos que foram educados em escolas evangélicas, mas esses raramente deram testemunho de sua fé, às vezes confundindo o eleitor quanto ao que crê.

Mas o que me proponho afirmar é que foi se formando no Estado uma força religiosa, em que cada religião ou crença trouxe sua contribuição. E como o homem não consegue viver sem religião, até mesmo os seguidores do humanismo e do positivismo cederam a esse sincretismo, quer por convicção ou por necessidade política. Aliás, já estamos acostumados a ver e ouvir confissões de fé de nossos políticos visando unicamente o sucesso político e as urnas. Aderem com facilidade a qualquer vertente religiosa, como o camaleão que muda de cor conforme o ambiente em que está!

A religião Afro

A união das forças políticas e religiosas é forte, especialmente na cidade de Porto Alegre, não apenas por parte dos evangélicos, mas também das religiões afro-brasileiras.

Apesar do alto grau de individualidade e de desunião – assunto que abordo mais adiante – os umbandistas conseguiram penetrar no campo político a favor dos seus direitos com mais veemência do que os evangélicos, também divididos em torno de seus projetos na Cidade. E os umbandistas escolheram um caminho inimaginável: associação a um partido predominantemente ateu e de esquerda. Partido político humanista em sua base, ateu em sua pregação, mas maquiavelicamente qualificado para governar usando as massas – aliás, qualidade de todos os demais partidos que Maquiavel nem pensava influenciar – as religiões afro-brasileiras conseguiram no governo de esquerda o que jamais teriam conseguido anteriormente. E foi durante o governo de Tarso Genro como prefeito da cidade que os líderes das religiões afro-brasileiras conseguiram influenciar na Prefeitura da Cidade.

Mediante Lei Municipal a Cidade oficializou a Semana da Umbanda

e dos Cultos Afro-Brasileiros, quando de 15 a 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra – no Parque da Harmonia celebram-se, com palestras essa festa oficial. E foi também durante o governo de Tarso Genro que através de Lei Municipal foi criada a Festa de Oxum, celebrada no dia 8 de Dezembro, na praia de Ipanema, junto à imagem deste Orixá erguida à beira do Rio Guaíba. São duas datas que constam no calendário de eventos da prefeitura de Porto Alegre! Neste sentido, raramente os evangélicos buscam espaço no calendário de eventos do Município, por não saberem usar a força que têm na sua unidade!

E foram mais além. Em parceria com o poder público, as três maiores federações do Estado, associadas às Secretarias Municipais e Estaduais – e obviamente com verbas públicas, editaram um caderno de orientação intitulado: “A Educação Ambiental e as Práticas das Religiões Afro-Umbandistas”, obviamente com o objetivo de “orientar as Casas de Religião e funcionários do poder público municipal e estadual sobre procedimentos em relação a cultos e colocação de trabalhos religiosos no meio-ambiente.”¹ Aliás, mais que necessário, pois quem mais prejudica o ambiente queimando figueiras centenárias e sujando parques e jardins são o pessoal das religiões afro-brasileiras.

Apesar de não conseguirem eleger pais-de-santo como as igrejas elegem pastores para cargos municipais e estaduais, os da religião afro conseguiram comendas a seus líderes em diversas ocasiões, especialmente das mãos de Antônio Brito, então governador do Estado.

Não pretendo considerar aqui o casamento da igreja evangélica com o Estado – que vem ocorrendo sistematicamente através das grandes denominações, como as igrejas que apóiam partidos que, noutros países, mataram e expulsaram de suas terras os cristãos. Quando a igreja se casa com ideologias atéias, alguma coisa de errado acontece!

Nos últimos anos, repetindo o que já fora veiculado na imprensa anos atrás, a RBS e seus meios de comunicação com grande alarde, reacenderam a crença de que um príncipe negro, vindo da África, che-

¹ ORO, Ari Pedro, *Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente*, p. 365 dissertação de Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, Ano 24, N. 2, 2002.

gou ao Rio Grande do Sul, via porto de Rio Grande e, já velho, fixou residência em Porto Alegre.

A primeira, de uma série de reportagens sobre “religião e poder”, mostrando a religião e o poder governando o Estado, apareceu no jornal Zero Hora no dia 18 de julho de 1993. A reportagem insinua que Custódio Joaquim de Almeida, “príncipe africano e o babalorixá mais poderoso que já pisou no pago gaúcho, reinou sobre uma terra trespassada pela adaga de maragatos e chimangos e inspirada pelo positivismo do francês Auguste Comte. De Júlio de Castilhos a Getúlio Vargas, Custódio manipulou os fios da política rio-grandense com as mãos da magia. Governou por detrás das cortinas de veludo do Piratini”.

A seguir, a reportagem traça um elo entre o passado e o presente na pessoa do governador da época Alceu Collares: “Alceu de Deus Collares, ex-vendedor de ovos, galinhas e frutas e filho-de-santo, é o primeiro negro a desfilar entre os quadros de Locatelli como governador. É também o primeiro a assumir uma tríade mística que costuma arrepiar políticos menos sinceros: é umbandista, espírita e maçom”.

Apesar do pensamento positivista dispensar o transcendental e o místico – isto é tudo o que tem a ver com fé e religião – “quem moveu a primeira peça deste místico tabuleiro de xadrez foi o patriarca do positivismo e do Partido Republicano Rio-Grandense Júlio de Castilhos”. E continua o relato: “Atormentado por dores atrozes na garganta, Castilhos empreendeu a conselho de Oswaldo Aranha uma viagem secreta a Pelotas no ano de 1901, em busca de um negro que produzia curas inacreditáveis... Ao se despedir de seu anfitrião, carregava mais três anos de vida, dois a mais do que os médicos tinham lhe prometido. Meses depois, em 4 de abril de 1901, o príncipe e seu séqüito instalavam sua corte na Rua Lopo Gonçalves (em Porto Alegre)”.

Mas quem é esse homem? Diz a reportagem sobre ele: “Quando o império britânico obrigou Custódio Joaquim de Almeida, rei de Benim, a buscar exílio em terras distantes, ele curvou seus mais de dois metros de altura e jogou os *ifás*. Os búzios apontaram para o Brasil. Depois de peregrinar em vão pela Bahia e Rio de Janeiro, os *ifás* indicaram o Rio Grande do Sul como uma espécie de terra prometida, onde o príncipe

negro iria cumprir sua grande missão e seria respeitado como o mais forte religioso-político da história. O lugar onde o rei deposto recuperaria o trono”. A reportagem insinua que ele exerceu o poder através da esposa de Borges de Medeiros, Carlinda, e influenciou o ainda jovem Getúlio Vargas.

“A tese da antropóloga Maria Helena Nunes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que lhe ocupou 11 anos de pesquisa e 7.940 entrevistas em casas de religião afirma que nomes famosos beijaram a mão do africano Custódio na casa da rua Lopo Gonçalves: Borges de Medeiros, Protásio Alves, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, Pinheiro Machado, Lindolfo Collor e Assis Brasil”.²

Uma semana depois da publicação da reportagem que acima referi, os historiadores Carlos Reverbel e Sérgio da Costa Franco discordaram da pesquisa. Carlos Reverbel, falecido em 1997 coloca em xeque tal influência devido a que os batuqueiros eram perseguidos pela polícia nesse período. E Sérgio da Costa Franco, autor de uma biografia sobre Júlio de Castilhos afirmou que, “jamais achei qualquer traço documental desse liame. De resto, conhecendo o pensamento daquela geração política, marcada pelo positivismo comtista ou spenceriano, o culto à ciência e ao racionalismo, tenho por absolutamente inverossímil a afinidade de tais homens com práticas religiosas que eles reputavam primitivas e indignas de homens cultos”.³ Para o ateu e positivista é difícil aceitar qualquer coisa que não esteja cientificamente provado.

E esta crise entre positivismo e mística tem sido objeto de estudo. Perguntei a vários intelectuais por que os humanistas e alguns positivistas, em alguns momentos recorreram à mística, à fé em religiões, como foi o caso de Julio de Castilhos. Descobri que minha preocupação nessa área tem sido também a de teólogos em várias partes do mundo, porque um deles, Juan de Dios Martin, professor de teologia em Salamanca na Espanha, abordando o mesmo tema, pergunta: “... pode a mística contribuir para responder o que estamos buscando?”.⁴

² Jornal Zero Hora do dia 18 de julho de 1993.

³ Depoimentos em Zero Hora do dia 25 de julho de 1993 p. 24

⁴ VELASCO, Juan de Dios Martin, *in* Islamismo e Humanismo Latino, Vozes, p. 287

E foi na tentativa de buscar uma resposta plausível a esse casamento entre pensamento positivista e religião afro-brasileira – por ser paradoxal e inaceitável – que me propus investigar. Numa sociedade constituída de 86,8 % de brancos e de apenas 4.1% de negros, sendo o segundo estado mais branco do Brasil, por que os brancos aceitaram a religião dos negros? O Prof. Ari Pedro Oro já aqui mencionado, afirma que “os brancos de maior poder aquisitivo o fazem na busca de solução de problemas existenciais como os de sentido, identidade, afetivos, etc. Também o caráter misterioso, exótico e fascinante da religião dos orixás, associado à sua eficácia simbólica, contribuiu para a atração dos brancos”⁵

Ora, foi esse o motivo que levou Júlio de Castilhos a deixar de lado seu positivismo ateu na busca da cura de sua garganta, doença que o levou à morte. Mais adiante mostro como o transcendental e os milagres são instrumentos que podem ser usados pela igreja para levar o conhecimento de Cristo às pessoas, inclusive de ateus.

Esse sincretismo religioso infiltrado na base do pensamento positivista, que os historiadores negam existir, influenciou a Prefeitura de Porto Alegre por ocasião da reforma do Mercado Público. Em 1993 a Prefeitura da cidade de Porto Alegre decidiu alterar a parte interna do Mercado Público. Ocupando um quarteirão, o prédio centenário tem quatro entradas principais: Uma dá para a Av. Borges de Medeiros, com saída e entrada para quem vem da Prefeitura; a outra, para o lado do cais, na Av. Júlio de Castilhos, em frente da atual estação do Trensurb; outra para a Praça Parobé e ainda outra para a Praça XV e o atual Largo Glênio Peres.

Todas convergem para o centro do mercado público, onde antes da reforma havia uma banca redonda que vendia produtos coloniais, como queijos, salames, etc. Qualquer pessoa que atravessasse o Mercado e quisesse prosseguir adiante, teria que fazer uma volta ao lado da Banca. Pois os umbandistas impediram que o traçado fosse alterado, alegando que sob o piso da Banca, que estava no cruzamento do Mercado, uma

⁵ ORO, Ari Pedro, *Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente*, p. 362

pedra, a que chamam de Bará teria sido enterrada pelo suposto príncipe africano Custódio.

A reforma foi feita, mas o espaço reivindicado pelos umbandistas foi mantido, marcado no piso do novo Mercado. Os umbandistas vigiaram de perto as escavações, mas pelo que apurei pelas reportagens de jornais da época, nada foi encontrado. Mas é ali que o umbandista cumpre seu ritual. “Depois de ficar dias a fios deitados com a cabeça marcada pelo sangue de animais, cumprindo uma obrigação para fortalecer a mente e os orixás, o seguidor do Batuque levanta e vai ao Mercado cumprir o ritual do passeio. Vestido com o branco da pureza e as guias coloridas dos orixás no pescoço, dá a volta na Banca Central, passa pelos quatro quadrantes do cruzeiro, clamando pela abertura dos caminhos. Lentamente deixa cair moedas correntes em número de sete, o número cabalístico do Bará. Para os 300 mil adeptos do Batuque, o Mercado é o principal prédio religioso da Capital”.⁶

E assim, a Umbanda impôs que o Mercado não tivesse sua encruzilhada alterada. Na ocasião o secretário da SMIC José Luiz Vianna Moraes, afirmou que o projeto manteve a circulação em cruz, e que “as canalizações de água, esgoto e energia elétrica foram desviadas para respeitar o assentamento”.⁷ Afirmou ainda que o local seria marcado com piso diferente, o que realmente aconteceu! A propósito, um dia antes da inauguração oficial, o prefeito fechou o Mercado para que os umbandistas fizessem a inauguração espiritual!

Em 1995 o Jornal Zero Hora de Porto Alegre fez uma série de reportagens sobre “a cidade que ninguém vê”, um Raio X da vida e da pulsação da cidade. Os dados foram estarrecedores. Como não existem pesquisas recentes, atendo-me à publicada no jornal naquela ocasião. Sob o título “A religião sacrifica 2.233 aves por dia”, a reportagem trouxe a lume o que acontece todos os dias na cidade. “As religiões afro-brasileiras reinam nas encruzilhadas de Porto Alegre. Os 8 mil pais-de-santo porto-alegrenses matam 93 galos e galinhas por hora. Mais de

⁶ Zero Hora, quinta-feira, 1 de Julho de 1993, p. 42 reportagem: “Pais-de-santo ajudam a mudar o Mercado Público”.

⁷ *ibidem*, p. 42

uma ave é sacrificada por minuto, 2.233 por dia, 67 mil por mês. Os orixás recebem nos terreiros e esquinas da Capital 93 cabritos, 72 casais de pombos e 18 casais de galinhas-d'angola por dia. Movimentam um mercado de 1.500 casas de artigos religiosos e acendem 960 mil velas por ano... duas velas por minuto queimam nos 8 mil terreiros da cidade pelo poder das entidades trazidas no sangue dos escravos”.⁸

Como se vê, a potestade espiritual sobre a cidade de Porto Alegre e, conseqüentemente sobre o Estado é muito forte! Cada vez que pregamos o evangelho batemos de frente com esses príncipes do mundo espiritual que hoje têm a seu favor todo o aparelhamento do Estado, através de suas secretarias, protegendo o que chamam de cultura afro! Na realidade, por trás dessa cultura muita gente morre todos os dias vítimas da atuação de demônios. Portanto, vivemos numa cidade e num Estado em que as forças satânicas são protegidas pelo Estado à guisa de cultura. Assisti a uma reportagem de tevê em que um ritual de morte era feito pela quimbanda. Seu líder não teve problemas de admitir que têm o poder de matar qualquer pessoa através de seus rituais!

Quando pregamos o evangelho temos de combater essas forças ocultas protegidas pelas forças político-religiosas do Estado! No domingo, 18 de julho de 1993 ZeroHora dedicou página inteira ao governador do Estado, na época Alceu Collares, em que ele afirma governar orientado e inspirado pelos espíritos. O sincretismo religioso pode ser observado em suas palavras: “Acima de tudo o meu grande sustentáculo de religiosidade é Jesus Cristo, que na umbanda tem outra denominação. Eu foco uma espécie de triângulo mental com Jesus Cristo, com Iemanjá e Xangô. Com essas situações eu formo o meu tipo talvez muito empírico de religiosidade”. Afirmou que suas decisões eram orientadas pelos espíritos!

Na ocasião escrevi ao governador, repudiando o que ele afirmou e sentindo-me desiludido de ver nosso Estado sendo governado por um homem que depende dos espíritos – a meu ver, enganadores.

Como se vê, apesar de Sérgio da Costa Franco achar impossível a ligação entre o positivismo e o místico, o que vem acontecendo no Rio

⁸ Jornal Zero Hora, 12 de setembro de 1995.

Grande do Sul mereceria um estudo sério por parte dos antropólogos! Afinal, apesar de humanista, nosso Estado congrega em seu seio as forças místicas das grandes religiões. O Espiritismo cardecista, a quimbanda, a umbanda, o candomblé, a cabala judaica, a maçonaria, e mais recentemente o budismo. Este último, visto como uma alternativa religiosa para os gaúchos!

Algumas denominações vêm usando o sincretismo como forma de alcançar as pessoas. Mas até que ponto neste tipo de abordagem o evangelho mantém sua verdadeira identidade? Quem começou com o sincretismo no estado foram os jesuítas. Trouxeram as práticas dos indígenas para dentro da missa. A mistura religiosa é perigosa!

“A maioria dos babalorixás da Capital tem raízes no catolicismo. Mais de 5 mil são brancos e descendentes de imigrantes europeus que nunca passaram perto da África. Trocaram a religião dos antepassados pelos cultos afro-brasileiros, a santíssima trindade pelos 12 orixás. Pelas suas alvas mãos a cidade se cobre de despachos nas madrugadas”⁹

Aliás, esse sincretismo religioso, e essa adesão às religiões afro-brasileiras tem sido profundamente estudada pelos alunos do Núcleo de Ensino Religioso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ari Pedro Oro, professor da Universidade, analisando para seus alunos a questão das religiões afro no RS, cita a observação do cônego Matias Wagner: “Encontrei certa vez um homem que, dizendo-se muito católico, apostólico e romano, era também dono e Pai de Santo de uma casa de batuque...”¹⁰

Mas o sincretismo religioso não ficou restrito à união entre religiões afro e o catolicismo. Nestes é evidente o “casamento” em que festas católicas são partilhadas por pessoas de religiões afro, como as dedicadas aos santos da igreja. Umbanda e catolicismo misturaram sua fé nas festas religiosas, mas não se esperava que isso ocorresse com a igreja evangélica. E isso vem ocorrendo! Hoje o sincretismo religioso é tão forte

⁹ Reportagem na mesma edição do jornal acima citado.

¹⁰ In ORO, Ari, *Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente*, p. 351, citando Eduardo Kersting em sua dissertação de Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Ano 24, N. 2, 2002.

que o gaúcho não tem medo de confessar que no domingo de manhã vai à missa, à noite a um culto evangélico; na segunda ao centro de umbanda, na sexta uma sessão espírita... pode mudar os dias, mas isso é o que vem acontecendo! Por que? Pelo sincretismo religioso que já faz parte da cultura gaúcha!

Assim, não raro nos deparamos com situações em que temos de dividir espaço, ao atender uma pessoa enferma, com adeptos de várias correntes religiosas, não apenas evangélicas. A pessoa que nos procura, também chama os de outras religiões! No momento em que pregamos o evangelho e exigimos que a pessoa se decida por Cristo, até mesmo essa decisão é dúbia levando-se em conta que a pessoa em questão vê Cristo sob perspectivas sincréticas. Mas isso não é tudo. Fiquei sabendo de membros de igrejas pentecostais que costumam fazer sua “fezinha” num terreiro!

Essa potestade espiritual encarregada de promover a fusão de idéias religiosas vem conseguindo seu intento não apenas no RS, mas em todo o país. Os termos não bíblicos usados por determinadas denominações evangélicas com a finalidade de atrair as pessoas de religião é indício do que falo. Hoje, se alguém quiser encontrar alívio pode encontrá-lo numa sessão qualquer de certas igrejas, sem necessidade de apelar a um centro espírita! O descarrego é um termo sincrético, uma mistura de fé e religiões.

Portanto, o sincretismo religioso do gaúcho impede que o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo seja assimilado corretamente. Assim, na mente do gaúcho Jesus Cristo foi um grande líder, um profeta venerado hoje por todas as religiões. Qualquer pessoa pode dizer que “aceita” a Jesus como seu salvador; ele é um dos seus muitos salvadores!

Esse sincretismo religioso, tão forte na cultura do Rio Grande do Sul – e via de regra de todo o país – pode ser exemplificado no que escreveu Leonardo Boff:

Seria também interessantíssimo identificar a experiência espiritual que atua por trás das religiões afro-brasileiras, participadas por milhões e milhões de pessoas em nosso país. É uma experiência profundamente ecológica, ao redor da realidade do axé, que corresponde mais ou menos ao

que é o Shi para os orientais ou o Espírito Santo para a tradição judaico-cristã: uma energia cósmica que penetra todo o universo e impregna toda a realidade, concentrando-se no ser humano, fundamentalmente mais na mulher do que no homem, e fazendo com que toda realidade seja irradiante e viva. O exu não é o demônio que devemos expulsar, mas o portador por excelência do axé, como força de irradiação, como abertura para captar mais energias e colocá-las a serviço dos demais.¹¹

Como se vê, as forças satânicas que trabalham tornando todas as religiões boas e aceitáveis não estão apenas no Rio Grande do Sul, mas em todo o mundo!

Vejamos mais algumas coisas:

O cultivo a certas datas religiosas, dedicadas a santos, constituem-se numa base legal para que Satanás se instale em algumas culturas. Aqui no estado a veneração a Caravágio, Navegantes, Maria, São Pedro, etc. é muito forte. Cada vez que o povo dedica festa a esses santos, a base religiosa fica mais alicerçada. Os “santos” recebem do povo autoridade e poder, que deveriam ser oferecidos unicamente para Jesus Cristo!

A deturpação de certas datas cristãs, especialmente o Natal e a Páscoa tornaram-se mais pagãs que cristãs, pois não transmitem com propriedade o verdadeiro sentido bíblico. Os sofismas são apresentados na mídia com grande poder de persuasão, como se fossem verdades.

Há uma integração entre o governo ateu e o sincretismo religioso, como é o caso de Cuba onde o governo apóia as expressões religiosas da santeria mas não permite que os evangélicos se expressem; ou no RS onde os umbandistas tomaram a dianteira em certas questões, como a reforma do mercado público e certas datas religiosas.

A força da tradição: Salamanca do Jarau

As tradições culturais de um povo podem ou não contribuir para uma maior aceitação do evangelho numa região. Existem traços culturais positivos que podem levar a Cristo, e traços culturais negativos que induzem ao erro. Por ser um tema extremamente relevante, deveria ser

¹¹ BOFF, Leonardo, Espiritualidade, Editora Sextante, p. 63-64 edição de 2001

analisado com maior profundidade, mas não poderei me deter muito no tema. Quero, no entanto, analisar a tradição como tradição. Não me refiro à tradição do chimarrão ou do churrasco, nem de músicas e danças, da bota e da espora, elementos positivos da cultura gaúcha, mas no culto às tradições gaúchas que é feito nos CTG's – Centro de Tradições Gaúchas. Onde houver famílias de gaúchos pelo Brasil ou no exterior, lá existe um centro de tradições.

Os centros de tradições são levados mais a sério do que certas religiões, isto é, como algo de fé! A tradição em nosso Estado virou religião! Assim como nós preservamos as tradições de fé de nossos antepassados, e procuramos imitar a fé de nossos pais, como nos orientaram os apóstolos, o gaúcho que faz parte dos centros de tradições é orientado a encarnar de corpo e alma as tradições antigas. O texto de abertura do site do MTG afirma categoricamente que a preservação da tradição não deve estar na cabeça, apenas, mas na alma por inteira!¹²

O gaúcho membro dos movimentos tradicionalistas – e existem 1.400 centros de tradição em 500 municípios do Estado – vive nos centros de tradições o que nós, os crentes vivemos na igreja! Eles levam a sério seu compromisso cultural. E também religioso, porque a filosofia da tradição não deixa de ter seu cunho de religiosidade.

Àqueles que me contestam, quero afirmar que os elementos de religião e cultura costumam mesclar-se. E isso é visto na própria Bíblia em que elementos da cultura judaica estão dentro da cultura cristã. Até mesmo elementos da cultura grega foram assimilados pela igreja cristã já a partir do primeiro século. E devemos aprender a separá-los da verdadeira fé, de nossa teologia, para não incorreremos no erro de ensinar e falar de costumes como sendo regras de fé. Muitos dos costumes bíblicos são tradições, e devem ser analisados sob a ótica da fé. Sem me aprofundar no tema, o que pretendo é mostrar que o gaúcho tradicionalista cultua a tradição como se fosse uma religião!

Na cultura de um povo podemos ver sua religião. O hino oficial dos movimentos tradicionalistas chama atenção pela letra: “Eu agradeço a Salamanca do Jarau, por me ensinar o que aprendeu com o “velho”

¹² <http://www.mtg.org.br/quadro%20editorial.htm> – consulta feita em 23/9/04 às 10.40 h

Blau...”. Todo tradicionalista canta com fervor em homenagem a Salamanca do Jarau. Mas quem é a Salamanca do Jarau no hino tradicionalista?

Na série apresentada na tevê sobre a revolução farroupilha, *A Casa das Sete Mulheres*, uma misteriosa mulher, com o rosto envolto num lenço, e às vezes em forma de lagartixa, apareciam para Bento Manuel, e era dela que ele recebia “forças” e sorte para guerrear. Era a Salamanca do Jarau, um componente da história e da saga dos gaúchos. O misticismo gaúcho aparece claramente na página da cidade de Quaraí, que afirma:

Salamanca do Jarau é a lenda registrada por João Simões Lopes Neto e publicada pela 1ª. vez no ano de 1913. Simões Lopes escreveu a lenda utilizando 33 páginas. Os números 1, 3 e 7 são constantes desta obra. O autor era maçom, e desta forma colocava o Princípio, a Perfeição e o Infinito dentro da lenda. Quanto ao local, tomando como referência as três personagens, o Santão conta a Blau que encontrou a Teiniaguá em São Tomé. Esta redução foi fundada pelos jesuítas no ano de 1624, cuja soma dos números é igual a 13. Quanto aos duzentos anos de encantamento no Jarau, que é uma serra composta por onze cerros, coincide com os 200 anos em que os jesuítas viveram neste pampa e formaram os trinta povos.¹³

Eis a lenda cuja presença é muito forte na tradição gauchesca! Os historiadores afirmam que o Jarau é um cerro, uma pequena montanha, lá para aos lados da divisa com o Uruguai. Nesse cerro, havia uma caverna, ou furna onde vivia a Salamanca. A lenda diz que ela era portadora dos feitiços vindos da Espanha. Os tradicionalistas sempre se referem a essa figura mítica.

Leia apenas um pedacinho do conto de J. Simões Lopes Neto:

Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada - Salamanca - onde viveram os mouros, que eram mestres nas artes de magia; e era numa furna escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da

¹³ http://www.quarainet.com.br/h_qri_07.htm - consulta feita em 30 de setembro às 17 h

bruxaria... O cordão estava no regaço duma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como só ela!... Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelhar-se ao pé da Cruz Bendita... e a baterem nos peitos, pedindo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém... E para segurança das suas traças trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça...

E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram... Nem admira, porque o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades e não se importa com os santos do altar, porque esses são só imagens...¹⁴

Que relação a Salamanca do Jarau tem com as tradições gaúchas? Alguns vêem nessa lenda a continuação da guerra ou das cruzadas entre cristãos e mouros, agora no Rio Grande do Sul. Um entrave no mundo espiritual da vida dos gaúchos! Sim, porque os mouros, muçulmanos, invadiram a Península Ibérica e a dominaram por séculos. Como o Rio Grande do Sul foi colonizado também pelos espanhóis, muitos dos que para cá vieram – como diz o conto – não eram de origem cristã, mas mouros. Conforme a tradição local, o célebre caudilho Bento Manuel deveu a sua sorte guerreira, sucesso na política, e de fortuna ao conchavo que ajustou na Salamanca do Jarau. Antes dele, alguns, mas depois, nenhum outro aí obteve mais nada dele.

E a Salamanca do Jarau que concede forças e poder a Bento Manuel, assemelha-se a Aladim, o gênio da lâmpada, também um conto árabe de fundo religioso, pois “dim” é anjo e Alá, Deus. A lenda diz que a Salamanca concede o poder de adquirir “riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a meia-lua sobre a Estrela de Belém... E para segurança das suas traças trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça”.

¹⁴ http://www.riogrande.com.br/cultura/lendas_salamanca02.htm, consulta feita no dia 21 de setembro de 2004 às 17.45 h.

A expressão “alçar de novo a meia-lua sobre a Estrela de Belém” é uma alusão ao suposto domínio do islamismo sobre o cristianismo, porque a estrela de Belém fala de Cristo, e a meia-lua é símbolo da religião islâmica. Portanto, nessa fábula que a tantos encanta, chego a suspeitar que pode haver um elemento religioso pernicioso impedindo que o evangelho de Cristo – da estrela de Belém – triunfe sobre a meia-lua de Maomé. Na afirmação de que o condão, ou a magia das mouras encantadas “aplastou” a alma dos frades”, existe a idéia de que o islamismo prevaleceu sobre a fé cristã.

Quem sabe esteja aí um dos impedimentos do evangelho nesse estado? O sincretismo religioso é maior do que imaginamos! Não existe apenas entre a religião afro, o cristianismo e a religião dos índios, mas contém também elementos de magia, força, bruxas e fadas que procedem dos mouros que invadiram a Península Ibérica. É força mitológica, oculta, que ainda ocupa certas paragens desse Rio Grande, porque essa “fada velha” que veio escondida entre os espanhóis é a Salamanca do Jarau, cantada em prosa e verso na cultura gaúcha!

Os que estudam sobre o mundo espiritual, observam que um dos maiores entraves ao evangelho é a tradição, já que ela é o sustentáculo da cultura do povo. Romper com a tradição, trazendo ao povo o evangelho tem sido um dos grandes desafios desses últimos tempos.

Esse é o lado negativo da lenda. Como na maioria das lendas, esta tem um traço negativo e um positivo. E no Blau Nunes, a lenda tem seu lado positivo. Blau é um campeiro, simples e pobre que anda à procura de seu boi barroso, até que encontra uma figura misteriosa, que é o sacristão enfeitado. O sacristão conta para Blau a história da Salamanca e de como foi por ela enfeitado. Quem quiser ficar rico precisa vencer sete obstáculos e enfrentar a Salamanca.

Ele, então, decide enfrentar os sete desafios que o sacristão lhe propõe, entra na caverna, enfrenta com coragem e calma cada situação de perigo – animais ferozes, espadas, guerreiros e dirige-se até onde está a Salamanca, onde lhe é oferecida fama e riquezas sem-fim! Mas a todas as suas propostas, responde com um NÃO! Não aceitou de forma alguma as ofertas da princesa bruxa! E todas o tornariam o homem mais rico do

mundo. Ao sair da caverna, no entanto, o enfeitado sacristão lhe dá uma moeda de ouro que ele coloca na guampa que lhe servia de carteira. Cada vez que precisava comprar alguma coisa, o velho Blau tirava uma moeda, e mais uma, e mais uma, de quantas precisasse, e assim enriqueceu. Comprou gado, cavalos, terras, escravos, etc, mas ao fim observou que todos os que lhe venderam coisas, empobreceram e caíram em ruína! Só ele estava bem. Os demais, não! Voltou à caverna e devolveu ao sacristão enfeitado a moeda, quebrando com isso o encanto da Salamanca para sempre!

Pedi a vários amigos que estudassem a lenda da Salamanca e me dessem sua opinião em relação ao que afirmam as escrituras. Paulo Canary, da cidade de Rio Grande fez as seguintes observações:

“O conto mostra a negação da Redenção, isto é, da salvação em Jesus Cristo, que é trocada pelas virtudes humanas. A alma forte, o coração humano do Blau Nunes tentando “redimir” o sacristão. Ele passou pelo “vale da sombra da morte”, a caverna, guiado por suas próprias virtudes.”

“Essa Teiniaguá concede poderes para: sorte no jogo; na conquista de mulheres; valentia (corpo fechado), que nada o atinge; capacidade política; riquezas; dons artísticos (música, escultura)”.

“Essas qualidades não lhe lembram, “Um certo Capitão Rodrigo” e na descrição dos gaudérios que vagueiam de pago em pago?”. Estas foram suas considerações.

Paulo Eril identifica Blau Nunes como os que querem servir ao Senhor, não querem se contaminar com ligações demoníacas, mas que em algum momento de suas vidas acabam se envolvendo com algo maligno pelos desejos da vida. “É interessante que ele enfrenta todos os obstáculos, mas com o intuito de se enriquecer (e é aqui que muitos caem em laço e cilada do diabo!). Seria muito bom que todos os irmãos que recebem algum tipo de benefício, descobrindo depois que foi algo fornecido pelos demônios, e que mais tarde lhes será cobrado, que tenham a coragem de “renunciar a moeda enfeitada”!

E a lenda incorporou-se à cultura do gaúcho. Uma lenda é apenas lenda, no entanto, quando ela é incluída na tradição e cultura de um povo, ganha vida. É o que acontece com a Salamanca do Jarau. Ela agora, é parte integrante do Movimento de Tradições Gaúcha o MTG. A mística figura da moça, misto de bruxa e princesa ganhou lugar de

honra no tradicionalismo gaúcho ao ser incluída no hino tradicionalista, com letra e música de Luiz Carlos Barbosa Lessa. Todo gaúcho que integra um centro de tradições faz deste cântico um hino de louvor à Salamanca – que vindo da Espanha encantou o sacristão e o levou para o cerro do Jarau. Lenda. Lenda apenas. Mas, os que trabalham com batalha espiritual enxergam aí um “espírito” milenar que se impregnou na cultura de um povo! A primeira estrofe diz:

Eu agradeço a Salamanca do Jarau
Por me ensinar o que aprendeu com “velho” Blau:^{Nota}
Com alma forte e sereno coração
Achei meu rumo pra sair da escuridão.
Vi uma luz no ritual do chimarrão,
E descobri que é a cordialidade
Que nos conduz à real felicidade.¹⁵

Contrastando com a igreja que canta e adora a Deus; que louva a Jesus Cristo pela grande salvação, e o Espírito Santo por seus dons, e com a nossa profissão de fé, os tradicionalistas louvam a bruxa espanhola, porque essa é a origem da Salamanca! “Eu agradeço a Salamanca do Jarau”. Que contraste com a fé cristã! Como mencionei anteriormente, a Salamanca tinha como objetivo fazer que a meia-lua dos mouros dominasse sobre a Estrela de Belém! Um espírito contrário ao cristianismo instalou-se imperceptivelmente em forma de folclore na cultura gaúcha, e é louvado na suas tradições! Quem sabe esteja aí um dos maiores impedimentos para que a tradição gaúcha incorpore-se à fé evangélica.

Depois a canção afirma: “Achei meu rumo pra sair da escuridão”. Onde encontrou a luz? Obviamente na lenda da Salamanca do Jarau e na coragem do velho Blau! E na coragem do velho Blau, aparece novamente o positivismo, pois vence o mal sem a ajuda de ninguém! O verdadeiro discípulo de Jesus encontra a luz em Cristo, e não numa lenda! Você poderá imaginar que estou querendo encontrar “chifre” em mula,

^{Nota} Blau Nunes é o gaúcho de J. Simões Lopes Neto que sai à procura de seu boi barroso. O autor descreve a trajetória do cavaleiro até a gruta da Salamanca.

¹⁵ <http://www.mtg.org.br/quadro%20hino%20tradicionalista.htm> – consulta feita em 22/9/2004 às 11.45 h

isto é, ver demônios em tudo! Mas não! Basta que examinemos a cultura de um povo para ver em que ele crê!

Examinando a origem da Salamanca e sua louvação no tradicionalismo – oficialmente – no cântico que todo tradicionalista canta, seguindo a trilha e a origem da lenda no caminho de volta ao passado, chegamos à Espanha, dominada pelos mouros, às guerras ou “cruzadas” entre os seguidores dos profetas e os seguidores da cruz! Muçulmanos e cristãos em sangrenta peleja na célebre batalha de Las Navas de Tolosa, de 1212. A antiga guerra se faz presente em pleno século XXI – mas é uma batalha no mundo espiritual entre os seguidores da meia-lua e os da Estrela de Belém. Guerra entre a espada e a cruz.

A Salamanca trouxe para o Estado, de maneira imperceptível o espírito das cruzadas, em que cristãos e muçulmanos lutaram pela posse da terra santa. Aliás, guerra que jamais parou e que continua hoje em forma de atentados e destruições como aconteceu com as Torres Gêmeas em Nova Iorque, e com centenas de atentados em que o povo da meia-lua quer se impor pela força ao povo da cruz! Guerra que se traduziu em centenas de mortes no metrô de Madri, na escola pública em Beslan, na Rússia em que cerca de 600 pessoas perderam a vida. Guerra que todos os dias acontece no mundo todo. No Iraque, Afeganistão, na Chechênia, em todos os lugares. A meia-lua e a cruz numa batalha territorial. A antiga rixa de fé se perpetuou na história, neste caso, aqui, através de uma lenda, mas no resto do mundo o velho espírito das cruzadas persiste matando os cristãos em todo o mundo!

Não pensem os leitores que é apenas uma guerra por territórios – no fundo é uma guerra por domínio espiritual do Islã sobre o mundo todo! Alguns acreditam que a batalha pelo domínio do mundo ainda se dará entre o Islã e o Ocidente cristão.

Como consta da obra de J.Simões Lopes Neto: “Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada - Salamanca - onde viveram os mouros, que eram mestres nas artes de magia; e era numa furna escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria...”¹⁶

¹⁶ http://www.riogrande.com.br/cultura/lendas_salamanca02.htm, consulta feita em 22/9/04 às 17 h.

Assim, vêem-se mescladas na cultura, no folclore e nas tradições gaúchas, elementos anticristãos – da velha luta entre mouros e cristãos. Os mouros conquistaram a Espanha e Portugal com a espada, impondo aos cristãos a força da meia-lua. É uma antiga batalha cujo fundo é espiritual, e visa eliminar os cristãos. Como falei num dos capítulos anteriores, é uma guerra milenar para destruir a semente divina. Pois essa ameaça infiltrou-se na cultura do povo. No caso dos mouros, os cristãos os expulsaram de lá, mas não puderam arredar a cisma desse demônio que percorreu os mares e se instalou nos pampas do Rio Grande.

A luta do Islã pelo domínio dos povos é bastante forte em todo mundo, impondo-se, pela espada, em alguns casos, e por força da cultura, em outros, aos cristãos. Em casos extremos o objetivo de alguns radicais religiosos é o de apagar da face da terra o nome de Cristo, a mesma ameaça dos tempos do Antigo Testamento tão-bem descrita no Salmo 2.2-3: “Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o Senhor, e contra o seu ungido, dizendo: Rompamos os seus laços, e sacudamos de nós as suas algemas...”. Os atentados no mundo todo são contra o Ocidente cristão e a qualquer país que apóie o Ocidente!

E na tradição gaúcha esse elemento de fé moura se contrapõe ao cristianismo, ao louvar a meia-lua através da Salamanca do Jarau! Veja como o engano, de forma tão sutil, conquistou o coração dos tradicionalistas!

Quem sabe os tradicionalistas precisem atentar mais ao que cantam, e decidam, de uma vez por todas, romper com os laços que os prendem, devolvendo às trevas tudo que lhes traz miséria espiritual – como o Blau Nunes fez com a moeda de ouro maldita. Devolvam às trevas o que ao Diabo pertence, e voltem para a Luz, para a verdadeira vida em Cristo Jesus! Encontrando na cordialidade de Cristo, a real felicidade! A roda de chimarrão fica mais alegre quando Cristo está presente entre nós!

Capítulo 5

Identificando os Poderes Através dos Símbolos

É corrente entre iconófilos – gente que se especializa em imagens e fotos – que as catedrais da Europa, especialmente na França, estão cheias de representações pagãs incrustadas em paredes, molduras e decorações através de símbolos ocultos. À cata de mais informações, obtive alguns dados preciosos quanto aos símbolos ocultos nos monumentos tão próximos de nós, especialmente na cidade de Porto Alegre.

Ora, os símbolos, muitas vezes esculpidos em obras de arte, são a forma que encontramos para identificar nossa fé, religião, idéias, etc. A fé cristã é cheia de símbolos, a começar pelos do Antigo Testamento, e incorporados também pela igreja, como o candelabro, símbolo da árvore da vida; a estrela de Davi, símbolo do povo judeu, e os querubins, guardiões da presença divina, para citar alguns.

Na fé cristã temos o peixe, que os cristãos usavam como simbologia oculta do nome de Jesus para se identificarem. Sempre que vemos um peixinho num adesivo ou num automóvel, notamos ali a presença cristã. Temos a cruz que nos identifica como cristãos. Na ceia da igreja usamos o ramo de trigo, ou pão; um cacho de uva ou cálice, que são os elementos de nossa aliança com Deus. No ministério pastoral o símbolo é o báculo, ou cajado de pastor! E assim como temos nossos símbolos, precisamos aprender a observar os símbolos pagãos, os de religiões ocultas, do positivismo e do humanismo e de outras “crenças” presentes na iconologia.

Os símbolos que usamos são importantes, e, viajando por países de cultura não cristã, quando vemos uma cruz ou um peixe entendemos que ali existe a presença de cristãos. Na Coreia do Sul – país de cultura budista – durante a noite vê-se cidades iluminadas por cruces, identificando a casa, salão ou templo em que se cultua a Jesus, de Nazaré e não a Buda. Por ser um tema vasto em que se requer um livro à parte, meu objetivo é o de mostrar que através de símbolos em nossa arquitetura,

praças, e monumentos podemos identificar a presença de outras culturas, religiões, e de outras “influências” na vida de um povo. É o caso do povo do Rio Grande do Sul.

Assim, o símbolo da pomba com um ramo de oliveira no bico fala da paz, e procede do Antigo Testamento. O martelo e a foice, símbolos comunistas falam do operário das fábricas e do trabalhador do campo. A foice está na mão de Ceres, a deusa da agricultura entre os gregos! O mundo está cheio de símbolos! A influência da religião egípcia na moderna França em forma de pirâmides... Os símbolos dizem tudo! Os símbolos têm também sentidos, às vezes ocultos. Os especialistas em símbolos procuram identificar segredos e informações ocultas nas obras de Leonardo DaVinci, porque acreditam que, tanto no quadro da última ceia, da Mona Lisa e da mãe de Jesus DaVinci teria deixado símbolos ocultos, o que levou muita gente a especializar-se em buscar os símbolos ocultos em suas obras.

As serpentes como símbolo da medicina, o compasso e o triângulo na maçonaria, a mulher com os olhos vendados e a balança na mão, na justiça, etc. Exemplo disso é o símbolo do economista que evoca a arte dos gregos, com uma planta exótica, a folha de acanto, a cornucópia, e a roda dentada, falando de prosperidade.

Sempre é bom observá-los nas fachadas de prédios antigos, em monumentos, na disposição de certas cidades, ruas e avenidas, contornos de praças, na fachada de templos religiosos, através dos quais podem-se identificar certas influências. Um templo evangélico pode identificar a presença da imigração alemã e dos luteranos; no estilo britânico, dos episcopais, e até mesmo alguns templos pentecostais antigos a influência sueca! Quando estive na cidade de Praga, durante o regime comunista, fiquei a contemplar a quantidade de símbolos cristãos na cidade. Uma ponte sobre o rio com o Novo Testamento escrito em forma de estátuas... as gárgulas da catedral em forma de demônios, por onde escorre a água do telhado! Nova Iorque me deixou com torcicolo enquanto olhava para cima, tentando ver no alto dos prédios as gárgulas, anjos ou pirâmides, por toda parte! E são gárgulas, exatamente porque por elas entram a água que escorre do telhado, gargarejando com aquele

barulho peculiar da água.

Aqui em Porto Alegre os positivistas que influenciaram o pensamento do estado deixaram nas estátuas suas idéias, pensamentos positivistas e crenças. No belíssimo prédio da Prefeitura de Porto Alegre, as várias estátuas no alto do prédio transmitem as idéias dos governos positivistas. Na parte esquerda do prédio iniciado em 28 de setembro de 1898, e aprovado por Julio de Castilhos há a figura da deusa grega Demeter, ou Ceres, representando a agricultura. Em pé, com a foice numa das mãos erguidas, e com a outra colada junto ao corpo segurando um feixe de cereais, a deusa tem aos seus pés o deus Mercúrio ou Hermes que representa o comércio e Hefesto, representando a indústria.

O professor Doberstein estudioso do tema, afirma: “Um exame mais demorado, no entanto, revela, que neste grupo escultórico, ocorre aquele processo que denominamos de *trânsito alegórico*, uma vez que alguns de seus elementos parecem expressar simbolicamente a ideologia professada pelo positivismo”¹ A expressão *trânsito alegórico* do professor Arnold indica que as pessoas podem encontrar mais de um sentido numa estátua.

Mas a figura da deusa da agricultura em pé, pode simbolizar também a lei da subordinação, em que a agricultura sobrepõe-se aos demais.

No alto do prédio se vê ainda a estátua da mulher, segurando numa das mãos uma espada, e na outra a balança, símbolo da justiça, não aquele símbolo de olhos vendados tão comuns no emblema do judiciário, porque esta significa uma justiça punitiva e implacável. “Para o positivismo, a arte é *uma representação ideal destinada a cultivar o nosso instinto de perfeição*”. Por isso eles usam o triângulo como uma das mais perfeitas formas geométricas.² No extremo direito junto a Av. Borges de Medeiros está a estátua da deusa Clio, a musa da História, já que nove era o número de musas gregas, inspiradora de poetas e artistas, representando aqui a história e a democracia.

¹ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter, Estatuária e ideologia, Cadernos de Memória II, Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, p 11

² Ibidem, p 12

A propósito, no alto da biblioteca pública de Porto Alegre o positivista Augusto Comte deixou sua marca. Os “santos positivistas”, patronos do calendário de Augusto Comte estão ali identificados. “Estes dez bustos retratam vultos da humanidade, que Comte elegeu como patrono dos meses do calendário positivista. Tal calendário consta de treze meses de 28 dias, mais um dia complementar dedicado à festa universal dos mortos (31 de dezembro) e o dia bissexto (29 de fevereiro) reservado à festa geral das mulheres santas.” Moisés, Homero e Arquimedes, não estão presentes ali, mas constam os demais. Comte acreditava que “os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos” e por isso essas personalidades devem ser colocadas nas capelas internas dos Templos da Humanidade. Neste panteão Comtista estão Carlos Magno, Paulo, Júlio César, Descartes, Bichat, Frederico II, Dante e Guttemberg, Shakeaspeare, entre outros.

Humanista e positivista, o francês Augusto Comte apresentava Martinho Lutero, o reformador da igreja como uma progressão negativa, e dizia: “O protestantismo é uma doutrina negativa, assentada diretamente sobre o princípio da anarquia, (pois) supre os sacramentos, o culto à virgem e aos santos, atacando radicalmente qualquer autoridade espiritual, proclamando o individualismo absoluto, transformando-se num sistema universal mais nocivo que aquele representado pelo jesusitismo...”³ Como se vê, o Rio Grande do Sul respira em sua cultura o oxigênio do ateísmo, o que por si só é um obstáculo à fé.

Voltando à medicina, vale observar que “existe bastante confusão em relação ao uso do caduceu – aquela vara enroscada por serpentes - como símbolo da medicina. Na mitologia grega é empunhado por Asclépius (Esculápio para os romanos), deus da medicina, mas difere do caduceu de Mercúrio egípcio, representado por um bastonete semelhante à clava e com uma única serpente enroscada em torno. A serpente também era mantida no templo dedicado ao deus, e acreditava-se incorporar o seu poder de cura. Mas, o que significa a serpente? A cobra representa, devido sua capacidade de trocar a pele, a renovação, a maestria no renascimento. Representa na terra o que a lua representa no céu. A co-

³ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter, citado em *Estatuária e Ideologia*, p. 23

bra traz ainda em si a identificação com os órgãos masculino e feminino: seu caráter fálico é imediatamente sugerido, e como engolidora, cria a associação ao órgão da mulher”.⁴ Novamente aí o símbolo sexual que, à semelhança dos obeliscos estão em toda parte!

Obeliscos

E, por falar em obeliscos, os franceses foram os maiores exportadores de seus símbolos humanistas e religiosos para o mundo todo, inclusive aqui para o Rio Grande do Sul. Vamos nos deter um pouco nos obeliscos. Os obeliscos têm origem egípcia, e foram dedicados ao deus sol, Rá. Você sabia que os obeliscos foram criados para dar a idéia de um falo? Isso mesmo, de um pênis ereto! O mesmo símbolo usado pelos satanistas! Originalmente eram associados ao culto ao deus sol e símbolos de Baal ou de Ninrode. Erigidos verticalmente, apontavam na direção do sol, e a posição ereta simbolizava o falo, porque este também era um símbolo da vida. Uma das palavras hebraicas é *matzebah*, que significa “imagens altas”, quer dizer, obeliscos! Aparece traduzido como “colunas” ou “poste-ídolo” em 1 Reis 14.23; 2 Reis 18.4, etc.

Jeremias profetiza que Deus haverá de quebrar as “colunas de Bete-Semes na terra do Egito”, referindo-se aos obeliscos (Jr 43.13) de origem egípcia. Era prática comum, no passado, erigir obeliscos em frente aos templos pagãos. Ezequiel se refere a um deles que foi colocado na entrada do templo de Jerusalém (Ez 8.5). A história registra que um obelisco, trazido do Egito, foi colocado na atual Praça de São Pedro no Vaticano. “A Catedral de São Pedro e sua praça circular estão colocados em forma de cruz. No meio da praça existe um obelisco pagão. Uma foto aérea mostraria a igreja de São Pedro – como a igreja mãe – bem no centro – e na frente dela o obelisco, ou “imagem do ciúme” símbolo do falo.” E pior: o obelisco egípcio foi levado para Roma, a um alto custo pelos imperadores e dedicado ao deus sol! Foi Calígula que nos anos 37-41 d.C. o transportou de Heliópolis – nome grego para Bete-Semes! Em

⁴ <http://www.compuland.com.br/anatomia/simbolo.htm>, consulta feita no dia 17.06.04 às 16.30

1586, o Papa decidiu que o obelisco fosse removido e colocado diretamente na entrada da Catedral”⁵ Obelisco semelhante foi levado de Alexandria para os Estados Unidos em 1881 e colocado no Parque Central da cidade de Nova Iorque.⁶

Paulo Canary, da cidade de Rio Grande, me enviou algumas informações muito interessantes com respeito aos símbolos existentes naquela cidade. Na praça central da cidade, existe um lago que recebe água da Laguna e seu formato é de uma serpente. No que seria a cabeça da serpente, existe um chafariz, e na cauda, no sentido avesso ao que diz a Bíblia, a imagem de Jesus disputando espaço com a Vênus de Milo. É comum encontrar símbolos ocultos em praças e prédios de nossas cidades.

O Pórtico de entrada da cidade – inaugurado em 1950, é construído em pedras de granito, em forma de uma máquina de costura estilizada, lembra também os muros de uma fortaleza com sua torre. Quis homenagear a pujança e labuta do povo riograndino, em uma época em que as fábricas, o operariado, os sindicatos fabris, os portuários, e os ferroviários eram fortemente representativos. Mesmo que grassasse entre esses operários e sindicatos o germe do comunismo e da revolta aos poderes constituídos. Há poucos metros na praça do trabalhador, estão encravados na terra os símbolos do comunismo (foice e o martelo). Nos dias festivos, como nos antigos portões das cidades, acende-se uma pira com o fogo simbólico, abaixo três mastros sustentam as bandeiras do Brasil, com o lema do positivismo, a do Rio Grande do Sul, com o lema da Maçonaria e a do Município do Rio Grande com seu dragão estampado.⁷

Sempre que vou a uma cidade, tento entender seus símbolos, como os existentes no brasão e na bandeira do Estado do Rio Grande do Sul em que as duas colunas do templo de Salomão, Boaz e Jaquim, usadas pela maçonaria se fazem presentes.

⁵ Extraído de In www.forocristiano.iglesia.net “BABILONIA, MISTERIO RELIGIOSO”, por Ralph Woodrow, cap. 5

⁶ <http://cuttingedge.org/sp/n1040.htm>, consulta feita em 28.04.04 às 17.30

⁷ Dado enviado gentilmente por Paulo Canary, da cidade de Rio Grande, RS

O **Brasão rio-grandense** é, com pequenas mudanças, o mesmo da época dos farrapos. Ao certo, sua origem é desconhecida, mas se acredita que foi desenhado originalmente pelo padre Hildebrando e desenhado em arte final pelo Major Bernardo Pires, que era Maçom e fez toda uma alegoria maçônica ao executar a obra. Os dois foram ilustres farroupilhas, com importantes serviços prestados à causa.

Quanto à bandeira, a explicação é de que, naquela guerra os farroupilhas, ao proclamarem a república rio-grandense, arvoraram como bandeira um pavilhão quadrado onde figuravam as duas cores brasileiras - o verde e o amarelo - separadas pelo vermelho da guerra. Na mesma época os farrapos mandaram confeccionar no estrangeiro lenços de seda em cujo desenho aparece muito nítida a influência da maçonaria. Assim, (mais tarde) durante a campanha republicana brasileira, os “Moços da Província” (Júlio de Castilhos e outros) pregavam o lenço farroupilha no centro de um retângulo com as três cores farroupilhas. Logo surge uma nova bandeira, como o brasão tirado do lenço já impresso. Basicamente, essa é a bandeira do Estado do Rio Grande do Sul tal qual conhecemos hoje.⁸

Como se vê a maçonaria com seus símbolos, o positivismo e o humanismo estão bem presentes nos símbolos gaúchos! E também nos símbolos da nação!

É possível que, muitas vezes sejam colocados em templos cristãos sem que os apercebamos! Anos atrás um belíssimo púlpito foi feito numa igreja evangélica de Porto Alegre. Mais tarde, o novo pastor mandou destruí-lo porque incrustado na madeira havia símbolos de ocultismos!

No comércio cria-se a logomarca, isto é, a marca da empresa, em que o desenhista demonstra com traços, imagens ou símbolos os produtos ou a orientação da empresa. As empresas cristãs trabalham esses símbolos muito bem. Basta uma vista d'olhos para perceber a criatividade de cada empresa. E assim como criamos uma marca, estilizando uma letra, palavra, ou ainda uma imagem, pode-se criar elementos ocultos que nem sempre são notados a olho nu.

⁸ http://www.pampasonline.com.br/Gauchosite/simbolos_estaduais.htm, consulta feita no dia 17.06.04 às 17.15 h

Alguns crêm que existem simbologias secretas no traçado de certas cidades, e citam Washington, nos Estados Unidos como exemplo. O centro daquela cidade, dizem, foi desenhado por um arquiteto maçônico em 1791, alguns anos depois que a maçonaria assumiu a liderança da Nova Ordem mundial em 1782. “agora examinemos o desenho das ruas de Washington D.C. Quando o arquiteto Pierre Charles L’Enfante, que era maçom, traçou o centro de governo de Washington em 1791, não apenas planejou ruas, rodovias e edifícios, mas o fez com a intenção de esconder certos símbolos mágicos ocultos. Um símbolo ocultista é definido como “... uma imagem que oculta um significado interno. Este significado usualmente está oculto astutamente por trás de uma forma...”⁹ e ¹⁰

Da mesma forma, um irmão argentino fez um levantamento da cidade de La Plata ao sul de Buenos Aires, cujo traçado foi também feito por um mestre maçom. Todo o traçado da cidade é constituído de símbolos ocultos. Veja o que ele escreve: “O traçado de La Plata foi realizado por um arquiteto maçom. As linhas formam grupos de triângulos e a distância entre praça e praça são seis quadras. Em outras palavras, o número seis é o fundamento do traçado da cidade. Por outro lado, no traçado da Praça Moreno a construção dos prédios municipais e governamentais formam uma cruz invertida, símbolo do anticristo, e duas diagonais centrais formam um “x” sobre a cruz, significando a anulação do poder da cruz de Cristo sobre a cidade. Vale salientar que o mesmo Dardo Rocha foi ao Egito e comprou 16 múmias. Quatro estão no museu de ciências e as restantes enterradas em vários setores de La Plata. Este ritual foi tomado dos antigos babilônicos que consagravam a terra a Marduque, deus do sol”.¹¹

A pergunta que precisamos responder é: que poder têm os símbolos ocultos? “Acredita-se que estes símbolos ocultos, uma vez escondi-

⁹ <http://www.cuttingedge.org/sp/n1040.htm> consulta feita no dia 28 de Junho de 2004 às 17 h

¹⁰ Frederick Goodman, *Magic Symbols*, Brian Trodd Publishing House, Ltd., Londres, 1989, página 6

¹¹ <http://www.cristianet.com/jesucristonet/guerra/cartografia.htm>, consulta feita em 29 de junho de 2004

dos, possuem grande poder. Por exemplo, afirma-se que o basilisco “tem grande poder de destruir os que o admiram”. (Na mitologia o basilisco é um réptil, a que se atribuía o poder de matar com a vista ou bafo). A pessoa que não é ocultista não tem um conceito verdadeiro do significado contido no símbolo. Por isso, os símbolos também têm outro objetivo: comunicar certos significados a outros ocultistas, enquanto escondem o sentido dos que não são ocultistas”.¹²

Em Porto Alegre, no monumento a Julio de Castilhos na Praça da Matriz – obra belíssima de Décio Vilares datada de 1914 – tem ao pé dele um dragão de bronze, boca escancarada, uma das patas erguida pronta para atacar, asas que lhe dão capacidade de voar, e uma cauda de peixe. Ele está em posição ameaçadora, como querendo atacar a Julio de Castilhos que está sentado. O professor Arnoldo Doberstein me informou que os esotéricos vêem na estátua as quatro forças da Natureza, água, na cauda do dragão; vento, nas asas; terra, na pata e fogo na boca – se bem que não há sequer indícios de fogo na boca do dragão! Tudo porque o fogo e o dragão são inseparáveis na mitologia...

Ele acha que o dragão ali colocado representa a oposição à liberdade, uma ameaça aos direitos adquiridos. Por isso o professor e autor de diversos livros nessa área, aborda as questões de interpretação como “conceito transitório-alegórico”, em que se vê coisas que o artífice nem tinha em mente ou que o monumento não representa.

Cuidado com os patrulheiros da fé!

A opinião dele serve de alerta aos patrulheiros da fé que enxergam coisas pela ótica esotérica, patrulhando – como se adiantasse – imaginando que destruindo esses símbolos abrimos caminho no mundo espiritual. Nada disso. A igreja do Novo Testamento fez que os símbolos cristãos se sobressaíssem sobre os pagãos, não destruindo esses últimos, mas pregando um evangelho de poder que mudou o pensamento e criou uma cultura religiosa que chegou até a Europa!

Resta saber que influência tem no mundo espiritual esses símbolos

¹² ibidem, p. 7

de nossas cidades, colocados em templos, ou presentes em tantas áreas de nossas vidas! Seriam “pontos de contacto” com o mundo espiritual? Forneceriam base legal para a ação de espíritos onde estes não deveriam operar? Sugiro que o tema seja estudado por comparação, já que a Bíblia não aborda diretamente essa influência, se não pelo fato de que o povo costuma imitar o que outros povos têm! Seria essa a razão de Deus exigir que os símbolos pagãos fossem destruídos na terra de Canaã?

Mesmo sendo essa a razão, no Novo Testamento ela não é praticada pelos novos membros da comunidade cristã. Os irmãos – pelo que se depreende do livro de Atos e das epístolas – não saíam na calada da noite, como Gideão derrubando postes-ídolos e altares pagãos. Ao longo da história se percebe que uma cultura religiosa mais forte, aos poucos se impõe sobre outra ofuscando-a. No momento em que os novos irmãos abandonam as práticas pagãs, os obeliscos e altares ficam ali, apenas para sinalizar que eles também, um dia, estiveram presentes naquela cidade, agora superados por uma nova cultura religiosa!

O que se observa, isso sim, é que existe uma tendência do Mal em infiltrar seus símbolos para os lugares que consideramos santos, como aconteceu com os obeliscos colocados diante do templo de Jerusalém! E foi o que fizeram com as principais catedrais da Europa em que símbolos pagãos podem ser observados na arquitetura daqueles prédios. Mas por que razão? Este é um tema em que não se deve polemizar nem radicalizar, mas em que devemos estudar, caso a caso, e orar, pedindo a Deus que nos revele o que está por trás desses símbolos e até que ponto influenciam nossas cidades.

Como abordo no próximo capítulo, não é a remoção desses símbolos que abrirá caminho para o progresso do Evangelho, e sim uma pregação de poder, uma vida de santidade, a prática de boas obras do povo de Deus e a unidade da igreja – essas quatro coisas juntas tornam quaisquer símbolos pagãos ineficazes! Eles ficam ali apenas como monumentos de sua história! Foi o que aconteceu com a Grécia e a Europa. Os ícones continuavam lá, os deuses gregos continuavam no Partenon e nos templos, mas a cultura cristã, durante séculos relegou-as ao esquecimento. Quando o cristianismo perdeu seu vigor e se deixou influenciar

por idéias e filosofias humanistas, os velhos símbolos da religião grega e romana voltaram a ser cultuados! Eis aí um tema empolgante para todos os que gostam de se aventurar no campo da teologia, batalha espiritual e conquista de cidades!

Longe de querer dar a entender que os símbolos de nossas praças e cidades constituem-se obstáculos à pregação do evangelho no Rio Grande do Sul, o que quero afirmar é que, através deles, podemos identificar elementos espirituais e culturais que estiveram ou estão presentes na cultura do povo.

Observar é uma das táticas que Deus ensinou ao povo de Israel – que espionavam e observavam as cidades e a terra que iam possuir – e que Paulo não ignorou quando passou pela cidade de Atenas. “Porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO” (At 17.23). E veja que Paulo não atacou os objetos de culto, mas aproveitou o altar dedicado ao deus desconhecido para falar do Deus que ele pregava!

Volto a insistir que é bom conhecer a iconografia de uma cultura, a religiosidade de um povo, suas práticas, etc., e aproveitá-las como forma de introduzir o verdadeiro evangelho. Tema, aliás, que é estudado em cursos de missões trans-culturais.

O estabelecimento da cultura do Reino de Deus, com manifestações de poder e libertação e novo estilo de vida, aos poucos substitui a cultura religiosa dominante de um povo. Porque a cultura do Reino de Deus é mais forte. Eis por que somos tão impedidos de levar o evangelho às tribos indígenas de nosso país: o evangelho do reino mudaria essas tribos para melhor, e não para pior, como está acontecendo com a cultura dos homens! No caso do Brasil a intromissão do governo federal nas questões indígenas tolhendo a liberdade dos índios de adotarem uma nova cultura, faz-lhes mais mal do que bem!

Antes de terminar essa avaliação, quero dar uma palavra aos que pensam mudar uma cidade num dia: uma cultura não consegue se sobrepor a outra em poucos anos; leva pelo menos uma geração. No caso da nação de Israel foi necessário que a velha geração morresse, que uma nova geração ocupasse a terra, e que os frutos dessa nova geração, gerasse

uma terceira geração! A cultura do reino de Deus também demora a se enraizar numa nova sociedade! Como cultura e religião são praticamente inseparáveis, as novas culturas do reino de Deus só serão vistas depois na segunda ou terceira geração de crentes! Este é o tema que abordarei no capítulo a seguir.

Capítulo 6

Observar, Anotar e Orar

Em meu livro *Estratégias Para a Guerra Espiritual* (Editora Atos) trabalhei o tema de estratégias de guerra e dediquei apenas uma parte para a questão do mapeamento espiritual de uma região. Apesar de ser um tema difícil de ser aceito pela maioria dos pastores, o reconhecimento da terra em que vivemos é bíblico.

Deus via tudo lá de cima, e ele bem que poderia dizer a Moisés como era o povo, a terra e as cidades, mas ele queria que o povo aprendesse a observar. De fato, falara a Moisés que a terra que iriam possuir era diferente do Egito, mas deixou que os espias vissem com seus próprios olhos. “A terra da qual vocês vão tomar posse não é como a terra do Egito, de onde vocês vieram e onde plantavam as sementes e tinham que fazer a irrigação a pé, como numa horta. Mas, a terra em que vocês, atravessando o Jordão, vão entrar para tomar posse, é terra de montes e vales, que bebe chuva do céu” (Dt 11.10-11).

No entanto, Deus ordena ao seu povo que observe e espione a terra à qual irá possuir. “Envie alguns homens em missão de reconhecimento à terra de Canaã, terra que dou aos israelitas. Envie um líder de cada tribo dos seus antepassados... Vejam como é a terra e se o povo que vive lá é forte ou fraco, se são muitos ou poucos; se a terra em que habitam é boa ou ruim; se as cidades em que vivem são cidades sem muros ou fortificadas; se o solo é fértil ou pobre; se existe ali floresta ou não. Sejam corajosos! Tragam alguns frutos da terra” (Nm 13.2, 18-19).

Aliás, Josué aprendeu rapidamente, pois antes de chegar a Jericó enviou seus espias, ordenando: “Vão examinar a terra, especialmente Jericó”. Eles foram e entraram na casa de uma prostituta chamada Raabe, e ali passaram a noite” (Js 2.1-2).

No Novo Testamento, Paulo saiu a observar a cidade de Atenas, e cuidadosamente observou cada ídolo e as obras de “arte” da cidade: “Pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e

encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio” (At 19.23). Nos dias de hoje Paulo entraria nas lojas de artigos religiosos e prestaria atenção em cada imagem, busto ou objeto usado para prestar cultos.

Uma observação mais acurada de nosso bairro ou cidade, observando que objetos são adorados, imagens de santos que o povo venera, casas de religião, lojas de artigos religiosos, esotéricos, estátuas, etc., ajudam-nos a identificar as forças espirituais que controlam determinadas regiões. Quando se anda pelos bairros da cidade, pode-se ter idéia do mundo espiritual, observando as “casinhas” vermelhas no pátio onde ficam os “barás”, guardiões das famílias, os “totens” modernos. Os israelitas foram orientados quanto aos ídolos adorados pelos cananeus. Nos montes mais altos, sobre pedras, debaixo de árvores, junto a fontes de água, os cananeus e os povos que habitavam aquela região construíam seus altares. As casinhas vermelhas dedicadas aos “santos” em tudo assemelham-se àqueles altares. Mas, por favor, não os destrua! Essa guerra é espiritual e não física!

Em certas cidades litorâneas e em praias de rios por todo o Brasil existem monumentos a “deuses” como Netuno, Iemanjá e a certos Orixás. Basta caminhar pela orla do Guaíba e pela beira-mar e surpreender-se com a quantidade dessas imagens erguidas na faixa de areia.

As estátuas e bustos em parques, praças e prédios públicos também devem ser analisadas. Pode-se também examinar os bustos de personagens históricos, de ateus, humanistas, como Augusto Comte, Júlio de Castilhos, Darwin, etc. Bustos erguidos em honra a revolucionários, libertadores, alguns sanguinários, indicam o tipo de potestade que domina a região. O mapeamento identifica também as casas de prostituição, bares, pontos de vendas de drogas, motéis, através dos quais pode-se ter uma idéia da vida social de seus moradores.

Os irmãos especializados em mapeamento em outros países recomendam que não se deve fazer um mapeamento só por prazer, e sim com o objetivo de estabelecer uma estratégia de batalha espiritual. E qualquer estratégia deve envolver toda a igreja. Sempre que envolve um

grupo em particular tende a ser limitada e com poucos resultados, além de atrair a ira dos demônios sobre a equipe ou a congregação que se envolveu em tal tarefa. Minhas experiências de mapeamento espiritual não foram nada agradáveis. Hoje não me aventuraria num projeto sem um bom grupo de intercessão vinte e quatro horas, e sem que toda a igreja da cidade se envolvesse.

O objetivo, portanto, deve ser o de avaliar o estado espiritual da cidade onde vivemos, isto é, saber em que tipo de comunidade estamos estabelecidos. Que tipo de espiritualidade domina nossa cidade, se maçonaria, espiritismo, religiões afro-brasileiras, protestantismo, cabala judaica ou esoterismo? Responder a essas perguntas mapeando o mundo espiritual da cidade permite-nos ter uma visão global do mundo em que vivemos. Além disso, sempre é bom definir a abrangência de nosso projeto, ou saber onde queremos chegar! Examinar e identificar o mundo espiritual do bairro é uma coisa, agora, quando a investigação é sobre toda uma cidade como Porto Alegre ou o Estado, o exército de intercessores tem de ser bem maior! Jamais, em hipótese alguma, proceda a uma investigação do mundo espiritual sem o apoio de bons intercessores!

É sempre bom olhar com muita atenção as mudanças no mundo espiritual a cada nova eleição. A atuação de “espíritos satânicos” é maior ou menor conforme as mudanças políticas de uma cidade, estado ou do país. E da mesma forma como um profissional se especializa em política, alguns homens de Deus vêm se especializando em política espiritual, tentando identificar o tipo de potestade que “assume o cargo” a cada mudança política numa cidade ou estado. Um governo pode levar o povo à obediência ou à rebelião, dependendo de sua “ideologia”.

Identificando os formadores de opinião

Cada cidade, região ou estado tem seus formadores de opiniões. Na linguagem popular, são os que fazem a cabeça dos outros; pessoas que carregam consigo mesmas a capacidade de induzir ao bem ou ao mal, que podem construir ou destruir, incendiar ou apagar incêndios sociais;

peessoas que carregam o ódio e o amor, o vício e as virtudes, que podem levar a sociedade a decidir na direção que eles querem e desejam! Em geral são articulistas de jornais, comentaristas de rádio e tevê, geralmente trabalhando para empresas que formam a opinião pública. Nem sempre um bom comentarista de política, economia, religião ou da vida social consegue dizer o que pensa; quase sempre seu pensamento está atrelado ao dono do meio de comunicação. Porque os proprietários dos meios de comunicação, muitas vezes, também estão comprometidos com algum sistema que os mantém ativos e em movimento.

Nunca se esqueça que uma mesma rede de comunicações tem poder de colocar um político em Brasília e de tirá-lo de lá. Isso acontece seguidamente no país! Algumas redes de comunicação mudam o pensamento do brasileiro comum em poucas horas!

Portanto, o mapeamento não se restringe apenas ao aspecto geográfico – ruas, casas, prédios, monumentos, ícones, etc., mas deve incluir um quadro espiritual dos formadores de opinião, incluindo os formadores de opiniões cristãos! Que religião ou ideologia os formadores de opinião da cidade deixam transparecer em seus comentários e observações pela mídia? Um ateu, obviamente influenciara a incredulidade e o desprezo à fé; um praticante de religião oculta atrairá pessoas para lá, dependendo de sua opinião. O formador de opinião mexe com a emoção e com o intelecto de seus leitores ou ouvintes, levando-o para o lado que quiser! O que digo, não é novidade ao leitor.

Numa cidade, os formadores de opiniões são muito importantes, porque o que eles dizem e comentam influencia na formação do pensamento social das pessoas. Por isso, temos de ter em mente, não apenas a religião e a ideologia, mas também a moral dos que formam opiniões. O que fazem? Como vivem? Que tipo de influência eles têm sobre o povo? Fazem comentários liberais quanto ao sexo, pronunciam-se a favor deste ou daquele segmento social imoral da cidade? Lideram a favor dos princípios cristãos ou propositalmente deturpam esses valores quando fazem seus comentários na mídia popular?

Os formadores de opinião de uma população podem contribuir para o endurecimento dos ouvintes ao evangelho de Cristo. Basta que

digam uma palavra, que pronunciem uma frase opinando negativamente sobre a igreja, e mudam a mente das pessoas. Eles tendem a levar as pessoas a pensarem como eles! Assim, apresentadores de programas, artistas e cantores, jornalistas e políticos profissionais da mídia precisam ser aferidos quanto a moral e espiritualidade que transmitem na mídia. O que fazer por essas pessoas? E quase sempre se aproveitam de sua popularidade para elegerem-se a cargos políticos.

Isso ocorre também com a mídia evangélica. Em alguns grandes centros do país alguns empresários dominam o setor da comunicação evangélica para sua promoção pessoal, ou de suas doutrinas. Um empresário evangélico no setor de comunicações pode causar tanto dano à igreja quanto os empresários da vida secular. Uma denominação que detém o poder de fogo do rádio ou de jornal pode ser tão prejudicial quanto os demais. Existem rádios que só tocam músicas de seus artistas, jornais e revistas que só divulgam pensamentos alinhados ao pensamento da denominação ou do grupo, e até mesmo emissoras de rádio na mão de algumas pessoas que proíbem expressamente que certos líderes evangélicos se manifestem através delas.

Nada pior e angustiante do que ser impedido e não ser convidado a manifestar e dar sua opinião num veículo de mídia evangélica, o que não deixa de ser a influência de algum tipo de potestade ou dominação espiritual que fragmenta o corpo de Cristo numa cidade. Aliás, é do interesse de Satanás que isso ocorra no meio do povo de Deus! Nem todo proprietário de mídia evangélica e seus formadores de opiniões são confiáveis. E no mapeamento espiritual temos de identificar também essas forças espirituais que se vestem de sã espiritualidade, mas que em nada contribuem para a edificação do corpo de Cristo.

E a mídia secular e a evangélica costumam “calar” a voz de quem eles quiserem! E não contam essas pessoas com outra arma que não a grande arma afiada da oração! Na oração está seu único recurso, pois apresenta sua queixa a Deus!

Em relação à mídia dita evangélica, temos de perguntar até que ponto os donos da mídia transmitem ao povo a verdadeira identidade cristã? A mídia evangélica é sadia ou é recheada de sincretismo religioso?

É exclusivista ou inclui a todos? Visa seu próprio crescimento denominacional, ou trabalha em benefício de toda a sociedade? Caso trabalhe para o bem-social, deve ser apresentado a Deus com ações de graças, mas se contribuir para que o evangelho não seja pregado, deve ser motivo de preocupação da igreja. Deus pode tocar no coração de seus líderes para que usem a mídia de maneira correta. Ou no centro de poder em Brasília!

Faça uma lista de todos os que se pronunciam pelo rádio, jornal e tevê e descubra a fé que professam; os ambientes que freqüentam e vida que têm, e você se surpreenderá!

Como combater os que detêm o monopólio de idéias?

Primeiramente, você deve se dispor a escrever, manifestando seu posicionamento contrário ou sua preocupação quanto a determinados comentários. Quando uma pessoa escreve ou fala e não é contraditada terá sempre caminho livre para dizer o que quiser. Mas se alguém escrever contrariando as idéias de tal pessoa, ela pensará duas vezes antes de se manifestar sobre esse ou aquele tema. O formador de opinião inteligente prestará atenção ao que você tem a dizer! Se ninguém se manifestar contrariamente, jamais se sentirá intimidado e dará rédeas a seus argumentos. Se alguém se lhe opõe, poderá mudar de idéia. Costumo ver e ouvir esses formadores de opiniões falando de seu ateísmo, de sua descrença, ou a favor de bruxos, dando opiniões contra a igreja, etc. Um telefonema ou uma carta poderá calá-los! Assim como eles têm liberdade de opinar, também nós! Faça-o sem medo, com oração e intercessão a favor da pessoa a quem você escreve discordando.

Ainda mantenho em meus arquivos um abaixo assinado feito entre os jovens protestando contra determinado comercial. O comercial saiu do ar!

Segundo, coloque os nomes desses maus formadores de opinião na lista de oração de seu grupo ou da igreja. Coloque também o nome de empresários cristãos ou pastores que utilizam a mídia para proveito pessoal e não do reino de Deus. Deus pode intervir a favor da cidade calando suas vozes ou mudando seus corações. Deus quer o bem de nossas cidades e ele próprio poderá fazer com que esses formadores de “má”

opinião caíam nos laços que armaram contra nós! Por isso a igreja deve usar essa grande arma – a oração – para afastar a influência do mal da cidade. Homens e mulheres que utilizam os meios de comunicação para incentivar o homossexualismo, o lesbianismo, aborto, divórcio, entre outras coisas, devem ser lembrados diante de Deus de que são influência perversa na cidade. Deus mesmo se encarregará deles.

Terceiro. Caso tais pessoas concorram a cargos públicos através do voto, use dos direitos que você tem para impedi-las de ocupar esses postos. Incentive a participação de irmãos e irmãs comprometidos com o evangelho de Jesus Cristo. É possível haver numa cidade formadores de opiniões na política, gente abastada envolvida em projetos sociais, que enriqueceram através da exploração sexual, suborno, tráfico de drogas e hoje, na mídia, aparecem como os grandes beneméritos do povo! Muitas vezes ocupam cargos políticos porque você votou neles, sem saber quem eram!

Quarto. Procure você mesmo ser um bom fermento do reino de Deus! Jesus usou o fermento que leveda para falar do seu reino na terra. “Com que se parece o reino de Deus? Com que o compararei? É como o fermento que uma mulher misturou com uma grande quantidade de farinha, e toda a massa ficou fermentada” (Lc 13.18-20). E não basta ser fermento. Temos que ser bom fermento! Do contrário estragamos a massa!

Capítulo 7

Fatores Presentes na Igreja Primitiva

Neste último capítulo, quero mostrar como a igreja primitiva venceu o sincretismo religioso, o positivismo e as filosofias de sua época. Pesquisando o livro dos Atos dos Apóstolos e as epístolas, percebemos alguns fatores que contribuíram para que a igreja vencesse as potestades espirituais do império greco-romano. A sociedade gaúcha é semelhante, em muitos aspectos, ao ambiente enfrentado pela igreja no primeiro século da era cristã. É um povo guerreiro, com opiniões próprias, com forte espírito de independência e com um alto padrão de cultura. Os apóstolos enfrentaram filósofos, reis, governadores, bruxos, magos e religiosos com uma mensagem simples, mas poderosa.

Analisando o mundo greco-romano em que o evangelho de Jesus Cristo foi anunciado pelos apóstolos, observa-se, claramente, que os mesmos fatores, presentes hoje na cultura gaúcha faziam parte da sociedade de então. O mundo greco-romano era altamente humanista e positivista e não dispensava a religião. Aliás, no Panteão dos deuses sempre havia lugar para mais um. O sincretismo religioso era parte do mundo de então. No entanto, os apóstolos pregaram o evangelho do reino de Deus numa sociedade dominada pelo humanismo e positivismo bem como pelo sincretismo religioso. Os filósofos gregos discutiam ciência, filosofia e religião e, basta uma vista d'olhos na literatura para se ter uma visão macro do pensamento daqueles dias. Os gregos acreditavam em deuses, construíram templos magníficos em honra deles e acreditavam numa interação deus/homem em tudo que havia na terra.

Se você não está à par da literatura grega, poderá ter um vislumbre do que pensavam naqueles dias lendo um dos episódios narrados no livro dos Atos dos Apóstolos. Um paralítico de nascimento foi curado instantaneamente pelo ministério de Paulo e Barnabé e os gregos, admirados, diziam: “Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós. A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio” (At 14.11-12).

O mundo daqueles dias foi sacudido por uma mensagem de poder, acompanhada da qualidade de vida do povo, das obras e do trabalho social da igreja e da unidade da igreja. Esses quatro elementos podem ser assim descritos resumidamente. A seguir, apresento quatro características na vida da igreja que deveriam estar presentes em nosso meio.

Operação de milagres e manifestações do poder de Deus.

Paulo descobriu que um dos alicerces do evangelho do reino de Deus é o poder de realizar milagres! E foi Jesus quem se referiu aos milagres como manifestação do reino de Deus na terra. “Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos vêem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas novas são pregadas aos pobres” (Mt 11.4-5). Um dos ingredientes do “fermento” do reino na sociedade é a manifestação do poder de Deus. Uma igreja não pode, em hipótese alguma desprezar a manifestação de sinais e prodígios porque através dos milagres as pessoas se voltam para Deus.

Ou se voltam para as trevas. Afinal, Paulo e Barnabé se defrontaram com um milagreiro quando estavam na ilha de Chipre; Barjesus não era apenas milagreiro, era assessor político do procônsul Sérgio Paulo. A típica figura do assessor – figura comum – nesses dias entre os políticos brasileiros que não medem esforços de gastar com seus “guias” ou líderes espirituais, tendo-os como gurus ou guias na política. Afinal, quantos são os políticos que se protegem atrás dessas figuras sombrias do mundo espiritual? Os milagres atraem as pessoas para Deus – quando realizados pelo poder de Deus; e para Satanás quando realizados por seus ministros. Um assessor milagreiro era tudo o que queria o procônsul, da mesma forma como muitos políticos e empresários nos dias atuais.

No Novo Testamento uma palavra define essa energia espiritual, é *energema*, na maioria das vezes traduzida como “poder” ou “eficácia”. O comentarista Strongs afirma que a palavra “energema” refere-se a energia de Deus ou do Diabo! “E qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder...” (Ef

1.19). No caso da igreja a “energia” ou poder de operar milagres vem de Deus! No caso de Barjesus sua capacidade de operar milagres provinha do Diabo! “Ora, o aparecimento do anticristo é segundo a eficácia de Satanás” afirma Paulo (2 Ts 2.9). Há uma energia espiritual em Deus, mas também em Satanás que se opõe a tudo o que é de Deus! Em todos os confrontos descritos na Bíblia e ao longo da história cristã, Deus sempre vence!

Até o momento todos que consultei não souberam responder como um ateu positivista e humanista, como o foi Julio de Castilhos, ex-governador do Estado – rendeu-se diante do poder de realizar milagres, a ponto de ceder o Palácio Piratini para que um príncipe da África influísse no destino dos líderes políticos do Rio Grande do Sul. A resposta que os sociólogos e antropólogos não têm, nós a obtemos nas escrituras sagradas! Um líder romano vergava-se diante de Barjesus e depois, vendo que Paulo era ainda mais poderoso, desprezou o milagreiro e ouviu a Paulo, servo do Senhor!

A propósito, os operadores de milagres deveriam sair do seio da igreja, e não de terreiros do ocultismo!

A igreja conta com essa capacidade de operar milagres pelo poder de Deus! É uma capacitação concedida a todos os que crêem. E uma das maneiras do evangelho ser aceito numa sociedade pluralista – em que há tantos deuses e filosofias – é manifestando o poder de Deus! Um evangelho sem operação de milagres, curas e manifestações de poder a ninguém convence! Porque apelará apenas ao intelecto.

Aliás, Paulo fala de quatro fatores presentes na mensagem do reino de Deus, e apresenta-os em dois versículos distintos. O primeiro está em Romanos 14.17: “porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça e paz e alegria no Espírito Santo”. E o segundo em 1 Coríntios 4.20: “porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder”. E a palavra poder aqui é “dínamo”, algo que vem de dentro para fora! Poder de Deus residente em nós!

Por isso, ousou afirmar que a igreja para vencer, seja aqui ou noutro lugar, tem de operar milagres e viver nas manifestações de poder!

A sociedade gaúcha, por ser uma sociedade humanista e positivista,

se renderá a Cristo ao vir as manifestações de Deus na terra. Teoricamente, os humanistas e positivistas não aceitam a metafísica, isto é, nada que seja empírico, que tenha relação de alma e espírito ou espiritual. Apesar disso, vale observar como o humanismo e o positivismo, ao contrário do que pregavam seus filósofos, se rende ao místico. Como aconteceu durante o período de Julio de Castilhos em que ele se rendeu a atuação mística do africano Custódio Joaquim de Almeida, a sociedade se renderá ao poder de Deus.

É inexplicável, por exemplo, o que acontece no governo ateu de Fidel Castro, na ilha de Cuba. A santeria, ou o candomblé de lá é aceito pelo governo como uma espécie de religião nacional. Eu mesmo fiquei surpreso ao descer no aeroporto de Havana e ver que os turistas são recepcionados pelo pessoal da santeria! Enquanto os evangélicos são vítimas de uma perseguição branca em Cuba, com os pastores tendo seus passos cuidadosamente controlados pela polícia, a santeria é livre.

Mas foi o que se viu durante as últimas administrações da Prefeitura de Porto Alegre, em que a umbanda e suas ramificações obtiveram plena liberdade no Paço Municipal. Creio que o racionalismo, o positivismo e o humanismo com todas as suas tendências cedem diante das manifestações do transcendental e do místico. Por isso a igreja está deixando de usar uma das suas maiores armas para a proclamação do evangelho: O poder de Deus!

Observe o interesse da sociedade européia – humanista e secular, que despreza a igreja – pelo sobrenatural. Como pode uma sociedade render-se às obras de J.K.Rowling e o menino-bruxo Harry Potter? Na realidade o ser humano não consegue se desvencilhar – por mais que queira – da busca de sua identidade espiritual. Até mesmo os positivistas e humanistas rendem-se diante do sobrenatural. E se renderão ao virem as manifestações do poder de Deus na vida da igreja!

Paulo descobriu que de nada adiantava discutir filosofia com os gregos. Em Atenas, viu seus esforços frustrados, e não deixou ali igreja. Os seguintes textos são importantes:

“Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo

poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo,” (Romanos 15:18-19 RA).

“Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos” (2 Co 12.12).

“Porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção. Vocês sabem como procedemos entre vocês, em seu favor” (1 Ts 1.5).

“Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo distribuídos de acordo com a sua vontade” (Hb 2.4).

“Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus” (1 Co 1.23-24). Ver ainda 1 Co 2.1-5.

A igreja precisa aprender a dispor dessa grande arma evangelizadora que é o poder de Deus! Os milagres são importantes e são uma obrigatoriedade do povo de Deus numa sociedade humanista. Mas a sociedade aceita bem o milagre se este vir acompanhado de um segundo aspecto: a qualidade de vida do povo de Deus!

Estas manifestações do poder de Deus, nem preciso comentar, eram fruto de uma vida de oração constante! Antes de abordar o segundo aspecto, deixe-me dizer que, uma igreja que ora é uma igreja de poder. A igreja do livro de Atos vivia em oração. Os apóstolos também. Pouca oração, afirmam os pregadores, pouco poder; muita oração, mais poder! Por ser um tema de extrema relevância na vida da igreja e de conhecimento prático de todos, não abordarei neste livro a importância da oração na vida de poder da igreja. Todos conhecemos o poder da oração na condução de nossos ministérios.

A qualidade de vida do povo de Deus.

O reino de Deus é de “justiça, paz, alegria e poder”, a soma dos dois versículos anteriormente apresentados. Falamos sobre a vida de poder

da igreja, que convence o pecador. Agora, precisamos acrescentar que não basta uma vida de poder, mas uma vida de qualidade, apresentada por Paulo como sendo a paz! Quando o indivíduo tem paz com Deus, tem também paz consigo mesmo e com seu próximo. É uma paz que redundava em boa qualidade de vida. A vida de paz é característica da presença do reino em cada pessoa.

Os irmãos do primeiro século eram perseguidos pelas autoridades, mas obtinham apoio do povo, porque, além dos milagres, a igreja possuía uma qualidade de vida inquestionável! Era comum que reis e imperadores colocassem a culpa nos judeus, e mais tarde nos cristãos, por coisas que dessem errado na sociedade. Por isso Pedro exorta os irmãos assim: “Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticarem o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus...” (1 Pe 2.12). A sociedade mente, mas não aceita que o crente minta; rouba, mas não aceita que o crente roube, etc. Nenhum desses itens sozinho ajudará. Os três elementos terão que operar conjuntamente.

De que adiantará o povo ser alvo dos milagres se estes não vierem acompanhados do caráter do povo de Deus? Carisma e caráter têm de andar juntos! A unidade só funcionará onde houver santidade! Como andar juntos em nome da unidade com pastores adúlteros, com homens que, dizendo-se pastores enriquecem à custa do evangelho pregado aos pobres?

A sociedade não quer apenas carismas, quer caráter! No momento em que os obreiros conseguirem equilibrar o caráter e o carisma, a sociedade se renderá a Cristo!

A sociedade quer olhar para o lar dos crentes, e ter vontade de possuir um lar como o deles. Quer ver seu estilo de vida e invejá-lo! Quer aprender com você como criar filhos e educá-los!

Essa qualidade de vida é o mesmo que “sã doutrina” de que Paulo fala. No Novo Testamento a palavra “doutrina” é “didaquê” ou ensinamento. Doutrina não são costumes, mas estilo de vida. Quando a Bíblia afirma que os discípulos “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (At 2.42), refere-se ao estilo de vida, pois os apóstolos ensinavam as

peçoas a viverem de maneira diferente na sociedade em que estavam inseridas. O rigor da Lei não é para os que vivem a sã doutrina, para os justos, afirma Paulo, mas “para os transgressores e insubordinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreverentes, para os que matam pai e mãe, para os homicidas, para os que praticam imoralidade sexual e os homossexuais, para os seqüestradores, para os mentirosos e os que juram falsamente; e para **todo aquele que se opõe à sã doutrina**” (1 Tm 1.9-10 - grifo do autor).

Por esse texto se vê que a “sã doutrina” era um estilo de vida diferente, porque “esta sã doutrina se vê no glorioso evangelho que me foi confiado, o evangelho do Deus bendito” (v.11). Para os que argumentam que hoje o mundo é diferente, deixe-me dizer que na questão de práticas de pecados, sejam sexuais, mentiras, ou seqüestros o mundo continua igual ao primeiro século da era cristã! Basta conhecer um pouco da história da Roma antiga escrita pelos historiadores da época! Aliás, tinham práticas comuns às dos dias de hoje! O evangelho que pregamos e aceitamos traça uma linha divisória entre o certo e errado, o permitido e o não permitido!

Referindo-se aos dias de hoje Paulo escreveu: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos” (2 Tm 4.3). Que sã doutrina é essa? Um estilo de vida compatível com a fé que pregamos!

Sã doutrina é o mesmo que ensino sadio! Paulo aconselha a Tito a falar de acordo com a “sã doutrina” e, a seguir explica o que é essa didaquê, ou ensino: “Ensine os homens mais velhos a serem moderados, dignos de respeito, sensatos e sadios na fé, no amor e na perseverança” (Tt 2.2), porque os velhos tendem a ser desrespeitosos com as mulheres jovens e, se não se cuidarem, ficam mais “sem-vergonhas” que os jovens! Então, a didaquê deve ser aplicada aos velhos também! Eles devem ser exemplos de vida! E que mais? “Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver. (...) Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e

sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada” (Tt 3.3,5).

Porque uma mulher velha, frustrada em seu casamento, que nunca experimentou uma vida sexual normal tem a tendência de desestimular as mais novas e, por serem velhas e experientes podem corromper as mais jovens a não viverem o verdadeiro evangelho de Cristo. As mulheres mais velhas têm de viver conforme a “sã doutrina”!

Mulheres, submetam-se a seus maridos. Maridos, amem suas esposas. Filhos, obedeçam aos pais. Pais, não irrite os filhos. Empregados, obedeçam aos patrões. Patrões, não tratem mal seus empregados. Você mentia? Não minta mais! Você se embriagava? Não se embriague mais! Isso é doutrina, ensino ou didaquê.

É esse ensino, didaquê ou sã doutrina que leva a um novo estilo de vida, que Paulo fala a Tito. Por isso seria bom que você lesse todo o texto de Tito 2. Esse estilo de viver totalmente diferente das pessoas que vivem ao nosso redor fará com que o evangelho se torne atraente das pessoas: “para que assim tornem atraente, em tudo, o ensino de Deus, nosso Salvador” (Tt 2.10).

A mensagem do evangelho só causará impacto na sociedade se estiver bem representada por esse estilo de vida diferente! Porque uma coisa é a proclamação do evangelho, outra bem diferente é a doutrina ou ensinamento apostólico. A proclamação ou *kerigma*, difere do didaquê mas não pode ser desassociada deste. Pregar que Jesus é o Senhor, que a salvação é pela fé, que Deus existe; falar do Espírito Santo, anunciar a vinda do Senhor, etc., fazem parte do *kerigma* ou proclamação do evangelho. Depois que a pessoa aceita a mensagem pregada, o *kerigma* dá lugar ao ensino ou didaquê!

Essa mudança de mentalidade cultural trazida pelo evangelho de Jesus Cristo, e o estabelecimento da cultura do Reino de Deus, não ocorre da noite para o dia. Aqui no Brasil temos a mentalidade do “jeitinho” e de “levar vantagem em tudo”, cultura que tem de ser substituída pela do reino de Deus. O que acontece, porém, é que a cultura do reino absorveu a cultura do mundo, quando deveria ser o contrário. Por isso, é importante a doutrina, ensino ou didaquê, como forma de esta-

belecer a nova cultura – o que pode levar uma geração!

Jesus fez uso de três elementos para falar da influência do reino de Deus na sociedade: o sal, a luz e o fermento. “E contou-lhes ainda outra parábola: “O Reino dos céus é como o fermento que uma mulher tomou e misturou com uma grande quantidade de farinha, e toda a massa ficou fermentada” (Mt 13.33). O fermento quando colocado na massa, altera o produto, deixando-o bom ou mau, dependendo de sua qualidade. Jesus o mencionou positivamente, e Paulo falou dele negativamente. O reino de Deus, na afirmação de Jesus é um fermento bom. Já a doutrina dos fariseus era um mau fermento, pois não influenciava para o bem, por isso alertou: “Estejam atentos e tenham cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus” (Mt 16.6).

Jesus falou também da semente boa que caiu em terra ruim. A semente era de qualidade, e não cresceu porque o solo não era bom! No caso do fermento Jesus está enfatizando a qualidade do fermento que é o reino de Deus!

Paulo também fala do orgulho, um pecado que, qual fermento, leveda toda a massa. “O orgulho de vocês não é bom. Vocês não sabem que um pouco de fermento faz toda a massa ficar fermentada?” (1 Co 5.6). A seguir Paulo fala do “fermento da maldade e da perversidade” (1 Co 5.8). No dizer de Paulo, um desobediente no meio da igreja ou uma pessoa que vive em pecado, caso não seja tratada, contamina a igreja. “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gl 5.9). Jesus acenou com a possibilidade do reino de Deus alterar a massa social, e Paulo está afirmando que naqueles dias havia um fermento ruim que estava prejudicando a massa “igreja” e afetava negativamente a massa “social”.

Ao comparar o reino de Deus a um fermento Jesus está afirmando que a massa social será definitivamente afetada pela mensagem do reino. Subentende-se que o fermento, o evangelho do reino, é o novo estilo de vida do povo de Deus. Ele afeta diretamente a sociedade onde a igreja está inserida. O reino de Deus influencia somente para o bem, pois o fermento é de boa qualidade; quando afeta negativamente é porque o fermento não é bom, portanto, não é o fermento do reino! O bom fermento torna a massa macia, fofa, mas o fermento ruim a deixa abatizada!

A mesma verdade diz respeito à igreja. Se ela for o bom fermento do reino, o mundo melhora, se for fermento ruim, piora!

O fermento age silenciosamente e opera uma mudança na massa, e todos percebem a diferença! A farinha é a mesma, a forma onde o pão é assado, a mesma, e o que dá qualidade ao produto é o bom fermento.

A igreja não é o reino, mas tem a cara e a mensagem do reino que há de vir. A cultura de um povo será afetada pelo tipo de vida que a igreja tem. Quando uma sociedade começa a se referir a costumes e estilos de vida da igreja, pelo lado positivo ou negativo, pode-se imaginar que a sociedade, ou a massa em que essa igreja está inserida já está sendo afetada pelo fermento. Melhor é quando o fermento é o do reino, ou seja, o bom fermento. À medida que os crentes começam a ocupar espaço na política, na economia, nos meios de comunicação ou na vida gerencial de uma cidade – ocupando cargos nas universidades, nas pastas de cultura, etc – a mensagem do reino, qual fermento, influencia para o bem a sociedade.

Imagine as escolas de arte e de música, os teatros e os produtores de filmes dirigidos por bons educadores cristãos; as câmaras de vereadores, assembleias legislativas, prefeituras e o judiciário tomados pelos agentes do reino, e teremos uma sociedade melhor, porque o fermento do reino de Deus é de boa qualidade!

Como afirmei anteriormente, isso pode demorar uma geração, mas o fermento do reino ocupará todos os espaços da sociedade, mudando a cara do país. Não se deve esperar resultados imediatos, mas trabalhar para que o fermento seja sempre o da melhor qualidade: o fermento do reino de Deus!

As obras do povo de Deus

A terceira coisa que causará impacto na sociedade ao lado dessas duas primeiras são as obras do povo de Deus! É disso que Jesus e os primeiros apóstolos tratavam em seus ensinamentos: justiça! Uma igreja que não luta a favor dos injustiçados está fora do projeto do reino de Deus na terra. O coração do Pai e de seu Filho está voltado para a restau-

ração completa do ser humano: corpo, alma e espírito! O reino de Deus é de justiça!

A primeira mensagem de Jesus ao povo tratou de questões sociais, dos que lutam a favor da justiça. “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus” (Mt 5.10). Uma igreja que não luta contra as desigualdades sociais, contra a discriminação de raça e cor, contra a opressão dos ricos sobre os pobres, não é digna de seu nome! Quando Jesus fala de justiça, está afirmando diretamente que o povo de Deus deve ser povo de boas obras! Félix, governador romano, ficou amedrontado diante do discurso de Paulo. E por que teve medo? Porque Paulo falou sobre “justiça, domínio próprio e do juízo vindouro” (At 24.25). Félix arrepiou-se diante das injustiças cometidas pelo governo romano, e do juízo final acenado pelo apóstolo!

É disso que Paulo trata em 2 Coríntios 9.10 ao afirmar que, ajudando as pessoas, Deus “suprirá e multiplicará a semente e fará crescer os frutos” da justiça que praticamos! A Timóteo, Paulo exorta: “Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão” (1 Tm 6.11). Não há como negar que o reino de Deus é de “justiça e paz!”

Numa sociedade cada vez mais em declínio, as obras do povo de Deus levarão a sociedade – ao lado das anteriores – a crer em Deus. É o cumprimento do que Tiago e Pedro dizem em sua epístola. Qualquer obra sem o evangelho é vazia, será apenas caridade; mas um evangelho de poder, com qualidade de vida e com obras terá impacto diferente sobre as pessoas. “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes... a religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo” (Tg 1.22,27).

Essa questão de fé e obras vem causando celeuma desde os tempos de Martinho Lutero. Alguns dizem que Lutero achava até que o livro de Tiago não precisava constar no Novo Testamento, mas ainda não encontrei uma fonte direta para saber se é verdade. “De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do ali-

mento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta” (Tg 2.14-17).

O comentarista que melhor me respondeu o paradoxo entre fé e obras, entre o que escreveu Paulo e a abordagem de Tiago foi Mathew Henry:

Quando Paulo afirma que a pessoa é justificada pela fé, sem as obras da lei, (Rm 3.28), refere-se a outro tipo de obras e não a que Tiago se refere, mas ao mesmo tipo de fé. Paulo fala de obras feitas em obediência à lei de Moisés, antes da pessoa abraçar a fé do evangelho. Ele estava tratando com aqueles que valorizavam tanto as obras praticadas na lei a ponto de desprezar o evangelho. (Como diz Romanos 10). Tiago fala de obras feitas em obediência ao evangelho. Ambos engrandecem a fé do Evangelho, mas Paulo mostra a ineficácia das obras antes da chegada da fé.

Tiago está falando de uma fé com obediência! Abraão teve fé, mas obedeceu! Saiu de sua terra, andou conforme Deus queria!

Paulo fala de uma justificação diferente de Tiago. Paulo fala de sermos justificados diante de Deus, e **Tiago fala que nossa fé precisa ser justificada diante dos homens pelas obras**. “Mostra-me essa tua fé pelas obras”, diz Tiago. “Deixe que a fé o justifique aos olhos daqueles que só acreditam vendo!”. Paulo fala da justificação aos olhos de Deus, pela fé em Jesus. Tiago fala da fé que precisa ser justificada diante dos homens!¹

Paulo fala de uma fé “que atua pelo amor” (Gl 5.6), “do trabalho que resulta da fé” (1Ts 1.3) e escreve a Tito, exortando: “Fiel é esta palavra, e quero que você afirme categoricamente essas coisas, para que os que crêem em Deus se empenhem na prática de boas obras. Tais coisas são excelentes e úteis aos homens” (Tito 3.8). Como podemos ver, as obras não servem para a salvação, mas através delas seremos galardoados nos céus, e elas é que decidirão nossa entrada no reino. Pedro acrescenta: “Pois é da vontade de Deus que, praticando o bem,

¹ Mathew Henry's Commentary, Zondervan Publishing House, p. 1933 - Comentário de Mathew Henry

“você silenciam a ignorância dos insensatos” (1 Pe 2.15).

A sociedade está farta de ouvir discursos de uma igreja inoperante. Todos os dias lemos artigos nos jornais e Internet sobre a prática da igreja em recolher ofertas, e do enriquecimento da igreja. Por que tais acusações? Porque o mundo quer ver algo concreto por parte do povo de Deus! Anos atrás os caricaturistas não tinham como zombar dos crentes em “tiras” de jornais, e sempre que algo aparecia era no sentido positivo, como um pregador em praça pública agitando sua Bíblia com ameaças do inferno ou a panela do Exército de Salvação com a bandinha ao lado recolhendo donativos para os pobres, mas hoje, o estilo de vida da igreja deu aos cartunistas argumentos e subsídios para críticas.

Quando a sociedade observar que os milagres que o povo de Deus anuncia, o estilo de vida e a prática das boas obras acontecem em seu meio, passará a respeitar a igreja, como aconteceu no primeiro século. Apesar da grande perseguição por parte dos líderes políticos e religiosos da época, diz a Bíblia, a igreja gozava da simpatia do povo, “e o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos” (At 2.47).

As obras não servem para a salvação, mas para o mundo a fé que anunciamos só é fé real se vier acompanhada das obras. As obras do povo de Deus, no dizer de Tiago, servem para provar ao mundo que ela é eficaz quando acompanhada das obras! Quando a sociedade notar que não existem mais crianças desamparadas porque a igreja e as famílias da igreja recolheram-nas das ruas e estão cuidando delas, quando os drogados estão sendo recuperados em casas da igreja; quando notarem que os crentes são os que mais têm casas lares para crianças, que lideram a sociedade nas questões ambientais, preocupando-se com a ecologia, com a reestruturação de vilas, criação de creches e escolas, e com a distribuição de terras, essa sociedade admitirá que a igreja não só liberta o indivíduo de suas mazelas emocionais e espirituais, que ela supre as carências físicas e cura suas enfermidades! De que adianta construir grandes e luxuosos templos, se esses itens não estiverem presentes?

Quando os vizinhos notarem que a casa da família da dona Maria ganhou um telhado novo, teve o banheiro construído, que seus netos não andam soltos pelas ruas, mas são cuidados em creches e escolas, e

que não lhes falta alimento, irão se perguntar: que estou fazendo frequentando essa religião que não me dá respostas? O contrário também é verdadeiro, porque as casas de religião e as comunidades religiosas ligadas ao ocultismo estão descobrindo que é através da prática das boas obras que angariarão fiéis seguidores de sua fé!

Nesse ponto de minha dissertação é bom lermos o que a Bíblia diz sobre esse tema das boas obras.

Jesus advertiu: “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (Mt 5.16). Luz fala de salvação, de estilo de vida, de mudança, de qualidade. Quando o mundo vir que a comunidade salva é diferente dele e passar a observar que as obras do povo de Deus estão fazendo diferença na sociedade, glorificará a Deus! É isso o que Jesus está afirmando!

Uma das primeiras discípulas de Jesus na cidade de Jope era Tabita. A Bíblia afirma que ela “se dedicava a praticar boas obras e dar esmolas” (At 9.36). Quando ela morreu, a comunidade de Jope ficou aflita por haver perdido uma mulher tão prestadora de bons serviços. Pedro orou pela mulher, ela ressuscitou e continuou a trabalhar tecendo roupas para os pobres! Temos aqui milagre, estilo de vida e boas obras, tudo num só pacote! E por que não podemos operar todas essas manifestações nos dias de hoje?

No mesmo capítulo em que aborda a questão da fé para a salvação, Paulo introduz o tema das boas obras, o que pressupõe que Paulo não fazia uma separação, uma dicotomia entre os dois temas. Vejamos o que ele diz sobre a fé e conclui sobre as obras: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos” (Ef 2.8-10).

Paulo afirma que a salvação é pela fé. Imagine que, se a salvação fosse realizada pelas obras, os de maior poder aquisitivo teriam mais condições que outros e tomariam a dianteira na salvação recebendo o “diploma” do céu antes que qualquer outra pessoa. Mas não, a salvação

é pela fé em Jesus Cristo e ponto final! Não pode ser pelas obras, diz Paulo, para que ninguém se glorie de que conseguiu os “pontos” necessários para ser salvo! Mas ele termina sua argumentação falando que o mesmo Jesus que nos salva, nos redime e nos garante a vida eterna, implantou em nós essa capacidade de fazer boas obras. Quer dizer, no mesmo “pacote” da salvação estão as boas obras. A versão atualizada diz: “...criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”.

Então, pode-se ver que fé e obras andam juntas, porque vêm do mesmo Cristo que todos recebemos e que vive em nós! Paulo pede a seu discípulo Tito que o exemplo de vida dele seja mostrado “fazendo boas obras” e que tudo o que ensinar seja com integridade e seriedade! “Em tudo seja você mesmo um exemplo para eles, fazendo boas obras. Em seu ensino, mostre integridade e seriedade” (Tt 2.7). Boas obras, portanto, não se resume em pregar o evangelho em ruas e praças, mas também em acolher os que vivem nas ruas e praças!

Pedro aprendeu bem o ensino de Jesus quanto às boas obras, porque anos depois falou aos irmãos em sua carta: “Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticarem o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da sua intervenção” (1 Pe 2.12).

É o estilo de vida do povo de Deus que fará a diferença! Por último, a igreja será vencedora também em nosso Estado se observarmos o que os apóstolos faziam no primeiro século.

A unidade do povo de Deus

A mensagem integral do evangelho inclui o gozo e alegria do Espírito Santo! Uma igreja unida é cheia de alegria! Povo unido é povo alegre. Povo dividido é povo triste!

A história do Brasil e particularmente a história do Rio Grande do Sul mostra que existe um espírito de guerra, brigas, discussões e de luta pelo poder que afetam diretamente a igreja de Cristo. Ainda que não haja guerras, a sociedade gaúcha costuma se dividir em núcleos divisóri-

os. Em nosso estado, esse espírito de divisão é de longa data. Como mencionei anteriormente, a guerra dos farrapos dividiu nosso estado e fragmentou o relacionamento entre os gaúchos. Os historiadores falam que nosso estado é cheio de facções em disputa.

Há muito que as bandeiras rivais se agitam nas coxilhas gaúchas. Para entender o nó da discórdia, é preciso lançar um olhar atento sobre o passado. Essa tendência ao maniqueísmo político teve origem na Revolução Farroupilha, que confrontou partidários da federação e imperialistas entre os anos de 1835 e 1845, intensificando-se mais tarde, em 1893, com a Revolução Federalista. Considerada a mais sangrenta de todas as batalhas travadas nos pampas, a de 1893 dividiu o Rio Grande do Sul em duas facções irreconciliáveis, os maragatos e pica-paus. Em 1923, o Estado voltaria a se dividir em dois blocos radicalmente opostos, os castilhistas e gasparistas.

Essa marca histórica se manteve posteriormente, e fez do Rio Grande do Sul um estado politicamente peculiar, no qual as pessoas se dividem partidariamente em blocos hostis, antagônicos e geralmente irreconciliáveis”, analisa o historiador Décio Freitas, para quem o maniqueísmo freqüentemente leva à intransigência das facções e tem uma característica profundamente autoritária. “A esquerda ganhou as últimas eleições para o governo do Estado não propriamente em função de um projeto. Essa vitória proveio basicamente da divisão, do fracasso e do colapso das políticas mais à direita”, sustenta Freitas.²

Essa disputa ferrenha entre “irmãos” reflete-se no mundo espiritual da igreja. Quanta facção! Quanta luta e discórdia! O nosso estado teve, nas revoluções, seus banhos de sangue. É necessário, pois, que os pastores desse estado se unam fazendo a remissão dos pecados de nossos antepassados, pedindo a Deus perdão, e perdoando a todos que, indiretamente continuam influenciados pelo desejo de ver o sangue do inimigo ser derramado. Foi a partir da Revolução Federalista de 1893/94 que notícias da “degola” ficaram mais evidentes. Obviamente que a “degola” já existia na guerra dos Farrapos, mas intensificou-se durante essa revolução.

² Citado em O Pampa Dividido, por Patrícia Feiten em <http://www.federasul.com.br/revista/1-5/revc401.htm> - consulta dia 26 de out de 2004 às 13.35 h.

De um lado, lutavam os republicanos, chamados “pica-paus” devido ao quepe de seus oficiais, cujas divisas brancas lembravam o topete do pássaro. De outro, os federalistas, apelidados de “maragatos” pelos inimigos em alusão aos uruguaiois (oriundos de Maragateria, na Espanha) que acompanhavam Gumerindo Saraiva, um dos líderes da revolução. Os pica-paus, que em 1923 passariam a ser chamados de “ximangos”, defendiam o então presidente do Estado, Júlio de Castilhos. A degola foi a forma escolhida para a execução dos prisioneiros. Segundo a maioria dos historiadores, em 31 meses de duração a guerra deixou um saldo de mais de 10 mil mortos.³

A Revolução Federalista de 1893/94 provocou mais de dez mil mortos e a degola foi a nossa guilhotina. Não se dava quartel ao inimigo. Castilhos venceu a guerra com apoio do Exército de Floriano Peixoto e seu grupo dominou o Estado por um quarto de século.⁴

Décio Freitas fala de um aventureiro de guerras que teria passado pelo estado, e entrevistado os líderes da Revolução Federalista. Em documentos encontrados em Nova Iorque, Ambrose Bierce, argumenta que ouviu as duas partes e concluiu que não haveria acordos entre eles.

A principal causa da instabilidade é a disputa pelo poder entre os dois caudilhos mais poderosos do Rio Grande do Sul: Júlio de Castilhos, líder do partido Republicano Rio-Grandense; e Gaspar Silveira Martins, líder do Partido Liberal, conhecido no Império como “rei do Rio Grande”, afirma o aventureiro citado por Freitas. E continua: “O senhor Castilhos e seus adeptos são fervorosos sectários das doutrinas de Augusto Comte, que prega a monocracia e a ditadura científica. Se o sistema prevalecer, o senhor Castilhos passará à história como o inventor de uma ditadura eletiva; já entrevistei os dois políticos, e cheguei à convicção que não haverá acordo.”⁵

Esse velho espírito divisionista, tão presente na política do Rio Gran-

³ ibidem

⁴ <http://www.nao-til.com.br/nao-63/bierce.htm> - consulta feita em 26 de outubro de 2004 às 14.30 h

⁵ FREITAS, Décio, em *O homem que inventou a ditadura no Brasil* Sulina, 1998, in <http://www.nao-til.com.br/nao-63/bierce.htm> - consulta feita dia 26 de outubro de 2004 às 12.25 h

de do Sul, muito bem interpretado na figura de Gumercindo Dias que colocou em risco a República do Brasil na Revolução Federalista de 1893, age também no seio da igreja dividindo o corpo de Cristo. É preciso parar com os extremos e unir nossas forças em torno daquele que morreu para nos unir. Jesus Cristo, o Príncipe da Paz, derrubou as fronteiras que separavam os povos, e dos povos fez um! Em Cristo temos nossa unidade! Nele somos unidos! E nele haveremos de afastar dos pagos gaúchos essas diferenças entre vermelho e branco, ximangos e maragatos, e unir-nos ao pé da cruz! E nestes mais de quarenta anos atuando na igreja de Porto Alegre percebo como surgem grupos de pastores, que se propõem andar em unidade, mas que depois se subdividem, porque alguém decide ter a preeminência sobre os demais! E formam novos grupos, que também se subdividem, e assim, perpetuam o velho espírito farroupilha nas fileiras da igreja.

Sempre haverá um líder discordante no meio da igreja, dividindo o exército de Cristo. Um Gumercindo Dias que afronta a lei e a ordem, um Bento Gonçalves que resolve reagir, um Luiz Carlos Prestes que resolve avançar, mas o que deve predominar na igreja é a essência da mensagem de Cristo: a paz! A unidade entre os da mesma fé!

Os membros de igrejas, hoje, e seus pastores, têm dificuldades de entender de maneira clara e objetiva o que é unidade. Longe de querer explicar aqui as implicações sobre a unidade da igreja, tema que abordo com frequência em meus livros, especialmente em *Violência tem Solução?* (Editora Betânia), quero apenas destacar que a unidade na igreja primitiva não era algo que os apóstolos anelavam conquistar, e sim uma coisa que buscavam manter. Hoje buscamos a unidade; naquela época procuravam mantê-la. E foi a unidade da igreja, nos três primeiros séculos, um dos fatores de maior relevância para que a mensagem do evangelho fosse pregada e aceita por tantos povos.

Na realidade, obras e unidade são duas características fortes dos cristãos evangélicos que devem ser melhor analisadas. Ao fazer uma análise das eleições em Porto Alegre, o Prof. Ari Pedro Oro destaca que os umbandistas não conseguiram – nem na somatória dos votos – eleger os candidatos que se apresentavam como pais-de-santo por serem indivi-

dualistas e desunidos. O mesmo teria acontecido com os candidatos de uma denominação evangélica que pulverizaram seus votos pela desunião da denominação. Ele afirma: “Com efeito, o modelo organizacional das religiões afro-brasileiras repousa sobre uma variedade de federações e uma pulverização de terreiros, sendo todos ao mesmo tempo autônomos e rivais entre si... reconhece o candidato a vereador Jorge Gerardi, presidente da Afrobras, ‘cada um procura a sua própria autopromoção’; ‘não temos a organização dos aleluias’, disse uma mãe-de-santo”.⁶

A unidade da igreja dos primeiros apóstolos serviu de fator preponderante na conquista do mundo da época, pois a igreja era vista como uma só, e seus membros como um só povo. Os irmãos não tinham barreiras, como hoje, especialmente barreiras denominacionais, e ajudavam-se mutuamente. F.F. Bruce, no livro *The Spreading Flame* afirma que o conceito de um corpo único ou ecumênico, em que havia uma só igreja, uma só escritura e uma só fé foram preponderantes no avanço do evangelho. A unidade dos irmãos era vista pela ajuda mútua, isto é, as igrejas mais ricas ajudavam as mais pobres, pois “havia um senso de responsabilidade entre as igrejas... As igrejas eram administrativamente independentes, governadas por seus presbíteros ou bispos, e foi esse senso de mutua obrigação que as impediu de esquecer a unidade que os amarrava como um só corpo em Cristo”.⁷

Por isso, afirma, “Uma igreja que recebia ajuda de outra igreja não tinha necessidade de criar dogmas para saber quem era mais importante e maior”.⁸

Os pastores deveriam atentar para a unidade, não como algo a ser conquistado em Cristo, mas mantido nele, como fator preponderante no avanço do evangelho. Numa cultura como a gaúcha, a unidade da igreja, estou certo, é um dos principais elementos para a conquista do povo. Isso é visto pelos olhos de historiadores, que acentuam, por exemplo, que, no caso do Príncipe Custódio aqui mencionado, este “teria

⁶ Oro, Ari Pedro, Debates do NER (Núcleo de Estudos da Religião), Porto Alegre, ano 2 n. 3, setembro de 2001, p 56

⁷ BRUCE, F.F. *The Spreading Flame*, Eerdmans, p. 189

⁸ *Ibidem*, p 191

usado de suas relações políticas unicamente em favor dos membros da sua família, empregando-os no serviço público... ou nada fazendo para os negros em geral... (e) que ele não teria iniciado ninguém (na religião) pois, sendo nobre, não teria “posto sua mão” em nenhum plebeu, e que teria atuado como religioso somente para as elites e as pessoas de sua amizade e família”.⁹

Na verdadeira unidade não buscamos nossos próprios interesses, mas do outro! É doutrina bíblica, é a pura didaquê que deveria ser levada a sério!

Como os apóstolos enfrentaram a oposição

Dependência total da Pessoa do Espírito Santo. Para os irmãos que vivem no Rio Grande do Sul o embate é mais duro, exige mais oração, poder e ação. Aqui se trabalha mais duramente porque as forças de oposição no mundo espiritual são também mais agressivas. Essa oposição no mundo espiritual só é derrotada, primeiramente, através de uma dependência e da orientação total da Pessoa do Espírito Santo. Jamais esqueçamos que foi numa reunião de poder, em que os mestres e profetas serviam ao Senhor, que partiu a ordem para Barnabé e Saulo pegar o evangelho a outras nações da terra. Na ilha de Creta, em Pafos, depararam-se com Barjesus, judeu, mágico e falso profeta. Paulo o confrontou e o deixou cego para que ele visse que o Jesus que pregava era mais poderoso que suas magias! (At 13.6-12).

Paulo sabia discernir quando era Deus que se lhe opunha e quando era o Diabo. Na tentativa de subir para o norte e seguir em direção aos povos menos cultos da Ásia, Paulo foi impedido pelo Espírito Santo, duas vezes, até que se deteve em Trôade para ouvir do Senhor a ordem de seguir para a Grécia! (At 16.6-10). Aos irmãos de Tessalônica deu a entender que noutras ocasiões a oposição era do Diabo. “Quisemos visitá-los. Eu mesmo, Paulo, o quis, e não apenas uma vez, mas duas; Satanás, porém, nos impediu” (1 Ts 2.18).

⁹ ORO, Ari Pedro, Religiões Afro-brasileiras do RS: Passado e Presente, p. 360

Na segunda viagem missionária Paulo e sua equipe se depararam com uma mulher que tinha um espírito de adivinhação e que dava lucro a alguns negociantes. Paulo repreendeu o espírito maligno – apesar de que só falava o que era bom a favor deles – e foram parar na prisão (At 16.16-34). Pregar o evangelho requer de nós mais ousadia, maior determinação e confrontação espiritual! Mas, acima de tudo, maior dependência do Espírito Santo!

A segunda coisa é que os apóstolos reconheciam sua esfera de ação e seus limites. Paulo fala da “esfera de ação que Deus nos confiou” (2 Co 10.13) e chega a falar em limites territoriais. “Mas, agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões...” (Rm 15.23). Eles tinham noção de suas limitações físicas e espirituais!

Terceiro. Os apóstolos – especialmente Paulo – tinham uma visão completa do mundo espiritual em seus dias. Eles conseguiam identificar o propósito de Deus e de como a igreja se encaixava no que Deus se propunha realizar na terra. Trabalhavam e pregavam o evangelho, cientes de que Deus estava interessado em formar um novo povo, uma nova nação, dando continuidade ao seu projeto estabelecido em Abraão. Entender naqueles dias que os gentios faziam parte do povo de Deus serviu para determinar a continuidade da obra missionária (At 15.14; Ef 2.11-22; 1 Pe 2.9), textos que todo pastor conhece.

Entenderam também que existe um sistema mundial controlado por Satanás, e que é missão da igreja libertar as pessoas das mãos do Diabo. Esse entendimento permitia que os apóstolos confrontassem autoridades e o povo com o evangelho de Jesus Cristo. Alias, a Paulo o Senhor Jesus disse: “Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (At 26.16-18). E isso ele falou para Agripa, o rei.

O sistema que permite a Satanás controlar as pessoas e o mundo

tem de ser substituído pelo de Jesus Cristo. É um novo sistema, um novo governo, em que os filhos de Deus e os filhos do Diabo não podem se misturar, nem andar juntos! O novo mundo onde reina a justiça é governado por Jesus, o reino da injustiça, pelo Diabo. “Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado é do Diabo, porque o Diabo vem pecando desde o princípio. Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo... Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo...” (1 Jo 3.7-8,10).

As pessoas que estão no mundo vivem sem o conhecimento de Deus porque têm escamas espirituais em seus olhos, pelo menos é o que Paulo, afirma. “O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2 Co 4.4). E por aí segue o ensino apostólico!

Quarto. Uma entrega total, sem reservas, ao testemunho (mártir) do evangelho. Era um despojamento total, sem reservas, dos bens e da própria vida. Eles se davam de corpo e alma à missão que Deus lhes confiou. Viviam dispostos a enfrentar o martírio, se necessário, para que o evangelho fosse pregado a todos os povos. A cultura daquela gente era confrontada com a pregação do evangelho. Qualquer aspecto cultural que não se alinhasse com o evangelho de Jesus teria que ser modificado. A cultura de Deus é de santidade, de justiça e juízo, e qualquer cultura que contradiz a Deus na santidade, na justiça e no juízo tem de ceder à nova cultura do evangelho!

Assim, a vida em comunidade, o compartilhar dos bens e a distribuição da riqueza fazem parte da cultura de Deus (At 2.44,45). Os primeiros cristãos não apenas davam o dinheiro e os recursos para que o evangelho fosse pregado: davam-se a si mesmos! (2 Co 8.3-5). Paulo relata como Epafrodito, “quase morreu, e por amor à causa de Cristo, arriscando a vida pra suprir a ajuda que vocês não me podiam dar” (Fp 2.30). Que fidelidade! Que companheirismo! Quase morreu para ajudar o apóstolo do Senhor!

Entregavam-se à oração e intercessão a favor das pessoas! (Ef 6.17-19).

Quinto. Anunciando um evangelho com demonstrações de poder. Eles atacaram o sistema do mundo com um evangelho de poder que abalou o império das trevas na própria base. Para Paulo o Evangelho era o “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16). Ele pregava um Evangelho que parecia loucura para os sábios, “mas para nós, que somos salvos é o poder de Deus” (1 Co 1.18). Ele tinha tanta certeza na palavra que pregava que, sem hesitar, afirmava que tudo acontecia por causa do poder de Deus! Assunto que vimos anteriormente.

Sexto. Não vemos os apóstolos insurgindo-se contra o sistema, levantando-se às portas dos reis e os desafiando, mas os vemos pregando um evangelho que, por sua natureza divina, mina e destrói o sistema do mundo! As autoridades fizeram a si mesmas esta pergunta: “Que faremos com esses homens? pois na verdade, é manifesto a todos os habitantes de Jerusalém que um sinal notório foi feito por eles, e não o podemos negar” (At 4.16). Desde o início a mensagem de Pedro foi: “salvai-vos desta geração perversa” (At 2.40), numa clara alusão ao sistema governado por Satanás.

Conclusão

Tire você mesmo suas próprias conclusões!

Os evangélicos gaúchos terão uma participação importante na evangelização mundial e no avivamento que virá, mas para tanto precisarão viver um evangelho mais transcendental, acima da razão, um evangelho de poder. Mas não apenas evangelho de poder, mas de caráter. A sociedade positivista valoriza muito o caráter e as qualidades individuais. Poder e caráter fazem uma boa dupla no Sul. E precisam também vencer o espírito de animosidade tão presente em nosso território. E ele só é vencido com o quebrantamento, a humildade. A partir disso, pode-se viver em unidade.

Jamais esqueçamos que foi a partir desse território que os gaúchos abriram novas fronteiras agrícolas e industriais chegando à região Amazônica. Essa tendência à batalha, à guerra, será usada na guerra contra as forças do Mal. Deus levantará um exército de guerreiros aqui nesse Estado que, unidos, levantarão bem alto o pendão da Fé, e tal qual vexilários, ou porta bandeiras irão adiante do exército de Deus fincando a bandeira do evangelho e marcando o território de Deus.

Existe um lado positivo da guerra dos Farrapos (1835-1845), quando os gaúchos se levantaram contra a dominação e a injustiça. As constantes revoluções em que o estado se envolveu deveria servir de exemplo de nossa luta contra as trevas. Luiz Carlos Prestes e sua coluna, que avançaram pelo Brasil, no final do ano de 1924 e início de 1925 conhecido como “**Coluna Prestes**”. Que exemplo de ideário esse homem possuía, a ponto de cruzar o país pregando sua ideologia! Por que não fazemos o mesmo com nossa Fé?

Pois esse palco de revoluções será também palco de revoluções no mundo espiritual! Esse desprendimento do gaúcho em conquistar novos territórios, em sempre avançar sem temer o perigo é um fato positivo também para a extensão do evangelho de Jesus Cristo. Quando a igreja descobrir o seu potencial, o estado será conquistado para Deus!

O que estamos fazendo e o que deveríamos fazer para que a causa do evangelho progrida entre nós? Eis algumas sugestões:

Primeiro. Reconhecer humildemente que precisamos de ajuda de irmãos de outros estados. Isso fere nosso orgulho de gaúchos, mas serve também para que nos humilhemos e reconheçamos o que Deus tem dado a irmãos de outros lugares.

Segundo. Humilharmo-nos diante de Deus reconhecendo nossa incapacidade e suplicando-lhe ajuda e intervenção divina na árdua tarefa de se pregar o evangelho em nossas cidades.

Terceiro. Unirmo-nos em amor, intercessão e ajuda mútua, tanto espiritual quanto financeira.

**Site do Pr. João A. de Souza Filho:
<http://www.pastorjoao.com.br>**

